



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ANDRÉ SOARES DOS SANTOS PAZ

CARTOGRAFIAS DAS FORÇAS EM DISPUTA NA PRODUÇÃO DA EDUCAÇÃO
ESCOLAR NA RESEX DA PRAINHA DO CANTO VERDE

FORTALEZA

2021

ANDRÉ SOARES DOS SANTOS PAZ

CARTOGRAFIAS DAS FORÇAS EM DISPUTA NA PRODUÇÃO DA EDUCAÇÃO
ESCOLAR NA RESEX DA PRAINHA DO CANTO VERDE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia da Faculdade de
Educação da Universidade Federal do
Ceará, como requisito parcial à obtenção
do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. José Mendes
Fonteles Filho.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P368c Paz, André Soares dos Santos.
Cartografias das forças em disputa na produção da educação escolar na RESEX Prainha Do Canto Verde /
André Soares dos Santos Paz. – 2021.
110 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação,
Curso de Pedagogia
, Fortaleza, 2021.

Orientação: Prof. Dr. José Mentos Fonteles Filho.

1. Educação. 2. Cartografias das forças. 3. Análise Institucional. 4. Implicação. 5. Instituinte. I. Título.
CDD 370



Universidade Federal do Ceará

Faculdade de Educação

COMISSÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO

ATA DE APRESENTAÇÃO DO TCC

DATA DE APRESENTAÇÃO: 31/08/2021

NOME DO ALUNO: André Soares dos Santos Paz

NOME DO ORIENTADOR: Prof. Dr. José Mendes Fonteles Filho

TÍTULO DO TRABALHO: Cartografias das forças em disputa na produção da educação escolar na RESEX Prainha do Canto Verde

ASSINATURA DA BANCA:

1 – Prof. Dr. José Mendes Fonteles Filho

2 – Profa. Dra. Sandra Haydée Petit

3 – Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos

	NOTA DO TRABALHO ESCRITO (x2)	NOTA DA APRESENTAÇÃO ORAL	MEDIA POR MEMBRO FINAL	MEDIA FINAL
1º MEMBRO	20,0	10,0	10,0	10,0
2º MEMBRO	20,0	10,0	10,0	
3º MEMBRO	20,0	10,0	10,0	

Obs.: A nota final é composta pela média ponderada das duas notas dadas pelos três membros da banca, sendo que a média do trabalho escrito terá peso 2. O aluno que obtiver nota final igual ou superior a 7,0 (sete) é considerado aprovado.

Resultados: Aprovado acima de 7 sem necessidade de alteração

Aprovado acima de 7 com necessidade de alteração

Abaixo de 6 o aluno deverá reapresentar o trabalho seguindo as orientações da banca, dentro do prazo estipulado, que deverá acontecer antes do último dia de inclusão de nota no SIGAA.

Nota: 10,0 (dez)

Situação final: **APROVADO SEM NECESSIDADE DE ALTERAÇÃO**

Ao jovem periférico, negro, galileu, filho de trabalhador que não temeu a perseguição religiosa do seu tempo e foi crucificado para que suas ideias e exemplos fossem seguidos por milhares de pessoas mesmo 2 mil anos depois.

À minha querida esposa Márcia, companheira, amiga, professora, confidente, motivadora, inspiração.

Ao meu filho José Bento, na esperança que a escola possa ser um lugar de construção e emancipação para ele.

Aos meus familiares que creram e me incentivaram a alcançar essa meta.

Aos meus alunos e pais que sempre embarcam em meus projetos, conversam comigo, me dão devolutivas e sugestões para nosso aprendizado ser cada vez mais rico e significativo.

Aos professores da academia que sempre foram fundamentais em minha trajetória.

LISTA DE FIGURAS

Figura 2 - Árvore genealógica do Senhor Joaquim Caboclo Fernandes do Nascimento Girão e da Senhora Maria da Conceição.	Erro! Indicador não definido.
Figura 3 - Parte em amarelo representa o que empresário requisita na justiça como sua.	14
Figura 4 - Placa construída pela associação independente afirmando que a Reserva não trouxe nenhum benefício para a comunidade.	14
Figura 5 - Pintura destacando os benefícios aplicados na Reserva Extrativista da Prainha do Canto Verde.....	15
Figura 6 - Pescador celebrando a chegada da Bolsa Verde por conta da RESEX, dez. 2012.	15
Figura 7 - Primeira Escola da Prainha.	17
Figura 8 - Prédio da escola antiga, reformado (1986).....	18
Figura 9 - Imagem aérea da escola.....	19
Figura 10 - Líder Comunitário Roberto Painho fazendo um vídeo mostrando os riscos de a construção desabar.	20
Figura 11 - Sr. Renè Schärer representa a escola na lista de vencedores da ABRINQ 1997.	20
Figura 12 - Aluno apresentando trabalho de matemática com dados da pesca local	22
Figura 13- Momento de apresentações sobre a cultura: os professores e estudantes apresentam para a comunidade no Centro Comunitário.....	22
Figura 14 - Biblioteca da escola Bom Jesus dos Navegantes em junho 2010.....	23
Figura 15 - Funcionária do ICMBio reunida com a comunidade no pátio da escola....	23
Figura 16 - Alunos criando um tabuleiro sobre práticas de conservação do meio ambiente 31.10.2017	24
Figura 17 - Exposição da escola ocorrida no Centro Comunitário no dia 28.08.2015..	24
Figura 18 - Exposição da escola ocorrida no Centro Comunitário no dia 28.08.2015..	25
Figura 19 - Primeiros casais que iniciaram a luta em defesa do território.	27
Figura 20 - Exposição do professor Dedé em evento da UECE sobre educação popular: IV Legado Freireano.....	32
Figura 21 - Dois colegas e eu da Escola Agrotécnica. A camisa branca era nosso uniforme executivo da ATASP	40
Figura 22 - Rabiscos para meu 1º pré-projeto de TCC	42

Figura 23- Resposta de um professor sobre minhas indagações em busca de fazer uma pesquisa.	43
Figura 24 - Desenhos que os alunos fizeram sobre suas aspirações para o futuro	44
Figura 25 - Parte da programação entregue pelos acadêmicos que vieram com o professor Babi (como é popularmente conhecido o Prof. José Mendes Fonteles Filho).45	
Figura 26 - Cabeçalho de um artigo que escrevi para a disciplina de metodologia na UFC.	46
Figura 27 - Artigo do empresário comparando a Prainha com a cidade mais violenta do mundo.	51
Figura 28 - Arquivo de e-mail circulado entre lideranças e parceiros: Carta de resposta ao artigo do Tales no jornal O POVO.	52
Figura 29 - Alunos gostavam de brincar de salto na grama da escola.	56
Figura 30 – E-mail com trechos de pesquisas para comprovar que o prédio da escola pertence a comunidade e também atestar o histórico de ensino da escola	57
Figura 31 - Página introdutória do diário de bordo criado por André Paz e Haiani L. de Souza Mendes, ambos de uma das turmas do professor Babi (como é popularmente conhecido o Prof. José Mendes Fonteles Filho) na disciplina de Educação Popular.	57
Figura 32 - Minhas anotações sobre a escola no primeiro ano de trabalho (2017).	58
Figura 33 - E-mail compartilhado no 1º bimestre de 2017, entre Márcia, Prof. Dedé e eu.	61
Figura 34 - E-mail circulado entre lideranças comunitárias para construir o abaixo-assinado. Jan.2018.	62
Figura 35 - Quadro pintado pelo artista, pintor, cordelista, professor Dedé.	63
Figura 36 - Quadriculamento do quadro DESATE para ser trabalhado na aula de geografia (questão de escala) e artes.	64
Figura 37 - Alunos fazendo cartaz para apresentarem os resultados do debate FOFA. .	65
Figura 38 - Resultado de uma das plenárias do Agrinho 2017	65
Figura 39 - Trecho de reflexões realizadas pelo professor Bodião, ex-secretário de educação de Fortaleza, por ocasião da Semana pedagógica no início de 2018.	66

LISTA DE SIGLAS

ABRINQ.....	Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente
AMPCV.....	Associação dos Moradores da Prainha do Canto Verde
ATASP.....	Associação dos Técnicos em Agropecuária do Sul do Pará
BJN.....	Escola Bom Jesus dos Navegantes
BNCC.....	Base Nacional Comum Curricular
CDRPCV.....	Conselho Deliberativo da RESEX Prainha do Canto Verde
CONSULTEC.....	Empresa de Consultoria Técnica Rural
CPT.....	Centro Pastoral da Terra
ECRE.....	Educação Contextualizada em Reservas Extrativistas
FACED-UFC.....	Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará
FB.....	Colégio Farias Brito
FOFA.....	Ferramenta de Avaliação e Planejamento (Pontos Fortes e Pontos Fracos)
FUNDEB.....	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica
GEPEE.....	Grupo de Estudo e Pesquisa Epistemológicas e Educação-UFMA
ICMBio.....	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IRFP-CNBB/NII.....	Instituto Regional de Formação Presbiteral da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, Regional Norte II
LDB.....	Leis de Diretrizes e Bases
MITS.....	Magistério Indígena Tremembé Superior
O PLURAL.....	Observatório das Políticas Públicas do Mundo Rural
OAB.....	Ordem dos Advogados do Brasil
Organização B.....	Associação Nova. A que não quer a RESEX.
PPP ¹	Projeto Político Pedagógico
PPP ²	Parceria Público Privada
RESEX.....	Reserva Ambiental de Extrativistas
SENAR.....	O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SME.....	Secretaria Municipal de Educação
TCC.....	Trabalho de Conclusão de Curso
UC.....	Unidade de Conservação Ambiental
UC/BR.....	Unidade de Conservação Ambiental Federal

UFC.....Universidade Federal do Ceará
UFMA.....Universidade Federal do Maranhão
UNILAB..... Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
UNINTER..... O Centro Universitário Internacional de Curitiba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
Senta aí no ticum, vamos comer tapioca com coco e tomar um café de Manjiroba	10
O big-bem que gerou a RESEX	12
A educação é um dos principais pilares da defesa do território e do modo de vida	17
PRIMEIRA ESCOLA	17
ESCOLA NOVA	18
Desde a origem da comunidade: a educação foi o Griô da nossa história.	26
1. O CAMINHAR É UMA META	35
2. MINHAS IMPLICAÇÕES	38
2.1. Primeiro ano como docente na RESEX	38
2.2. Minha história	38
2.3. Os ventos me trouxeram para a RESEX.	43
3. A ESCOLA QUE VEJO E CONHEÇO	48
3.1. ANOTAÇÕES QUE FIZ POR OCASIÃO DESTA VISITA	52
3.2. Temos a parceria da FAGED-UFC e outras universidades públicas.	54
3.3. Cordéis Instituintes do Professor Dedé	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS OU PÍLULAS INSTITUINTES PARA DISCUSSÕES FUTURAS	68
REFERÊNCIAS	72

Resumo:

Este artigo realiza uma análise institucional e a cartografia das forças que moldam a educação na comunidade da RESEX Prainha do Canto Verde, Ceará, Brasil. A pesquisa destaca a luta da comunidade para preservar seu território e modo de vida, com foco na evolução da educação desde a construção da primeira escola até a formação da Escola Bom Jesus dos Navegantes. O autor, também professor e sujeito envolvido na temática, examina a implementação do currículo e práticas educacionais, destacando desafios e conflitos presentes. A análise institucional busca compreender as forças em disputa, enquanto o autor compartilha suas percepções como parte integrante do processo educacional na comunidade.

Palavras-chave: RESEX Prainha do Canto Verde, Análise Institucional, Educação Contextualizada

Abstract:

This article conducts an institutional analysis and cartography of the forces shaping education in the community of RESEX Prainha do Canto Verde, Ceará, Brazil. The research highlights the community's struggle to preserve its territory and way of life, with a focus on the evolution of education from the construction of the first school to the establishment of Bom Jesus dos Navegantes School. The author, also a teacher and involved participant in the theme, examines the implementation of the curriculum and educational practices, emphasizing challenges and conflicts. Institutional analysis seeks to understand the forces at play, while the author shares insights as an integral part of the educational process in the community.

Keywords: RESEX Prainha do Canto Verde, Institutional Analysis, contextualized education

Senta aí no ticum¹, vamos comer tapioca com coco e tomar um café de manjerioba²

Hoje ao sair no alpendre de minha casa, havia pensado que tivesse acordado mais tarde, mas não, o sol é que nascia em um lugar mais alto do que os outros dias. O clima está indeciso ou talvez uma disputa paira no céu, será um dia nublado ou ensolarado? Era confuso e difícil de decifrar. Mas o sol acenava por detrás de uma nuvem que incrivelmente tinha uma forma semelhante à silhueta do litoral cearense, confirmava-se pelo menos, o adjetivo tão divulgado da "Terra do Sol". E o mar? O mar parecia calmo, brando, mas quando o vento vinha de lá, trazia sua musicalidade surgida do entrelaçar dançante entre as ondas e a costa. É hora! Vou trabalhar!³

Esse trabalho foi feito por “muitas mãos”. Eu apenas grafei o que vi e senti “duns tempos pra cá” aqui na RESEX Prainha do Canto Verde em Beberibe-CE. Essa Comunidade que foi fundada por negros Africanos. Com certeza, somos um quilombo não reconhecido⁴. Mas também temos vários elementos indígenas em nossa cultura local. É inegável nossa ancestralidade tradicional e afromeríndia (ALMEIDA, 2014 e COSTA, 2014.). Eu venho lá do Sudeste. Sou paulista. Mas saí de lá há muito tempo. Morei em Goiás, Pará e Maranhão, até chegar aqui no Ceará. Ainda no Maranhão conheci uma moça sorridente, estudiosa, carismática, católica, progressista e de luta. Ela estava lá a convite de um professor (Prof. Edson) que também havia se tornado meu amigo. Ele viera do Ceará e era novo na UFMA em Imperatriz. Quando no Ceará, ele fora por muito tempo professor dessa moça que falei. Essa moça hoje é a minha esposa. Nos conhecíamos virtualmente justamente por causa do professor e amigo que tínhamos em comum (inclusive ele foi padrinho de nosso casamento).

Havíamos conversado poucas vezes pela internet, mas já sabíamos que tínhamos muito em comum. Sua apresentação na faculdade que eu estudava, foi algo que eu não pude acompanhar. Eu trabalhava o dia todo. Mas no mesmo evento, tinha algumas programações à noite e no sábado. À noite, estivemos na mesma palestra, mas eu, cansado do dia de trabalho, saí assim que o palestrante encerrou sua fala e só no dia seguinte nós nos veríamos. Eu havia me inscrito no minicurso Educação do Campo. Assim que o palestrante inicia, de repente chega ela e senta ao meu lado. Eu não a reconheci imediatamente. Mas ela me reconheceu. Era ali que estava sendo selado uma

¹ Rede para descansar, feita com redes grossas de pesca perdidas no mar por grandes embarcações de pesca.

² O café da Manjiroba é muito lembrado nas histórias de quando o povo da Prainha e região passavam necessidades.

Mas também é usada para realizar os “sacudimentos domiciliares” (blog vodunabeyemanja).

³ Trecho do poema O Mar e suas mil faces II (6:53h de 10.04.19) que fiz do meu alpendre. É o 2º poema. Estou em busca de escrever os mil. Será que conseguirei?

⁴ A professora Dra. Sandra Petit sempre comenta que a Prainha é um quilombo não reconhecido.

amizade que não deixaria um só dia sem que conversássemos pelas redes sociais ou por telefone. Eu não sabia, mas estava me apaixonando por uma mulher forte, guerreira, pertencente a uma família também de guerreiros. Com ela, eram 15 irmãos, sendo 9 homens e 6 mulheres, sendo ela a caçula. Seus pais, os pioneiros da luta em defesa da terra e contra a especulação imobiliária (Sr. Pilé/José Firmino e D. Veinha/Raimunda Ribeiro). Seu pai também é descendente dos fundadores da comunidade, ou seja, dos primeiros moradores do povoado. Almeida (2014) apresenta essa genealogia, como vemos na Figura abaixo.

Figura 1 - Árvore genealógica do Senhor Joaquim Caboclo Fernandes do Nascimento Girão e da Senhora Maria da Conceição.

Primeira geração de Joaquim Caboclo e Filismina Serafina (1853-1949), doze filhos											
Biluca/solt eira	Alicia – casou com Chiquin GERO U João Veio, Turico, Daldo, Pané, Chichica, Margari da/Maria do Jaime, Drusch o.	Maria – casou com Ricardo Sabino. GERO U Ei, Munda.	Chico Veio – casou com Maria Justina. GERO U Kamundo, Cobrinha, Dão, De Lurdes, Angelita/Ia/ Quiquina.	Josefa – casou com Natinha. GERO U Pindu, Lagarto, Cachade, Muda, Mariazinha, Graça, Piaba, Bilinha.	Tia Boi – casou com Antônio Correia. GERO U Maria da Boi, Neuzinha, Zé Boi, Eduardo, Iaga, Sardinha, Ninja, Alzira, Edimilinho.	Antônio – casou com Corina. GERO U Baja, Augusto, Luiz, Maria Cabeça de Bombri l.	Teles – casou com Maria Rolinha. GERO U Chagas, Antônio, Raimundinho, Chico, Walteço, Gerald o, Fátima, Lúcia.	Joana Pacheco – casou com Justino. GERO U Daniel, Aloízio, Raimundinha.	Rosa – casou com João Correia. GERO U Marran, Zé Correia, Lew, Bambú, Nanai, Senhora, Carmosita, Munda, Leca.	Bel Nazaré – casou com Joaquim. GERO U Garapa, Xinha, Lolo, Sulão.	Joaquina – casou com Zé Danta. GERO U Garapa, Xinha, Lolo, Sulão. Til, Antônio, Tibão, Izaquiel, Zé, Militão, Tedo miro, Maria, Nilda.

Fonte: Cedido por Seu Renê, 2013 apud ALMEIDA, 2014, p.18.

Tia Boi, na 6ª coluna do quadro acima, teve a Dona Maria da Boi, mãe do Seu Pilé: “Maria da Boi teve os filhos: Antônio Firmino, o Pilé, Chico da Rosa, Forró.” (ALMEIDA, 2014, p.19). Não conheci o Sr. Pilé pessoalmente. Alguns meses depois do início do namoro com a Marcinha, tive a honra de falar com o pai dela por telefone. Ele dava gargalhadas ao ser convidado para comer carne de Jacaré no Pará onde eu morava. Infelizmente não deu tempo. Poucos meses depois dessa ligação ele fez sua Páscoa definitiva⁵. E minha amizade com a moça migrou para um namoro a distância até que

⁵ Como os católicos entendem teologicamente a morte. Cada domingo, cada missa é uma páscoa e participamos da morte e ressurreição de Jesus e nossa enquanto fiéis. Mas a definitiva é não só

decidi vir para o Ceará atrás dela. Eu não sabia exatamente como era sua luta e como era sua participação nessa luta. Fiquei muito surpreso e feliz à medida que conhecia cada membro da sua família.

E agora na UFC, depois de ter estudado a história da comunidade (empírica e academicamente), e acompanhado o passo a passo da dissertação da minha esposa, comecei a ficar curioso sobre quais forças influenciam na direção que a educação da escola desemboca. E assim nasce meu objeto de pesquisa que é cartografar as forças instituintes e instituídas na produção da educação escolar.

Sobre minha jornada, você verá outros relatos no item **Minha Implicação**. Em GALDINO (2014), LIMA (2017) e outros, é possível ver melhor a trajetória inicial da luta pela terra, todavia meu foco aqui é essa Cartografia das forças na produção da educação escolar da instituição que também sou professor e em breve meu filho José Bento (18 meses) também estudará.

*As cinco jangadas sumiram no horizonte
do mar. O vento está acalmando. Ele
deve as ter acompanhado, pois é sua
força de locomoção(...).
Mais tarde ou mesmo amanhã, essas
cinco jangadas voltarão. Não sei se
estarei em meu alpendre para vê-las. Mas
"vejo" a festa que é, cada vez que uma
jangada encalha⁶. É o mar que leva e
traz, é o mar que nos alimenta e dá
sentido à nossa vida, mas é na terra que
vivemos. Portanto, temos que amar,
cuidar e valorizar os dois: terra e mar...
RESEX PARA SEMPRE⁷*

O big-bem⁸ que gerou a RESEX

*Faz tempo que os portugueses
Aportaram em Pindorama
Armaram aqui uma trama
Conforme seus interesses
Não são semanas nem meses,*

ressuscitar, mas ir para junto do Pai para não mais morrer, não mais sofrer, não mais precisar buscar a presença, pois estaremos diante do Pai. Seu Pilé partiu dia 02.04.2015, era uma Quinta-feira Santa.

⁶ Chega do alto mar com peixes e é acolhida por crianças, jovens e idosos para ajudar a rolar a jangada até uma distância segura para o mar não levar ela de volta sem um marujo.

⁷ Trecho do poema O Mar e suas mil faces III (8:24h de 01.10.19) que fiz do meu alpendre. É o 3º poema. Só demorei 6 meses para escrever o 3º. Acredito que chegarei ao milésimo antes dos 98 anos de idade.

⁸ Não no sentido de *explosão*, mas de *forças criadoras, geradoras, iniciais*.

*Nem décadas, mas séculos são
Tempos de dominação
Vestida de alegoria
Tem nome de PARCERIA
Mas é COLONIZAÇÃO.
(Prof. Dedé)⁹*

A presente pesquisa foi desenvolvida na RESEX Prainha do Canto Verde, que é uma Unidade de Conservação (UC) Ambiental Federal. Como o nome já diz, o objetivo desta UC é preservar a natureza e modo de vida de uma comunidade tradicional¹⁰, onde a principal atividade econômica seja o extrativismo. Neste caso, trata-se da extração do peixe, de mariscos e de frutas, como o murici e o caju, que são facilmente encontradas na região. O reconhecimento como Reserva Extrativista chegou em 2009 como resultado de décadas de luta contra a grilagem que ameaça ainda hoje a maior parte do território costeiro do Ceará. Os moradores organizados - contando com o apoio de importantes instituições de defesa dos direitos humanos no Brasil e em outros países - descobriram que tornar a comunidade uma unidade de conservação (UC) iria protegê-los da ameaça de perderem seu território, lugar onde seus ancestrais chegaram há mais de 160 anos e onde tiravam (e ainda tiram) o pão de cada dia para sustentarem suas famílias.

Enquanto a comunidade estava focada para conseguir o reconhecimento do governo federal para demarcar o território como UC, assim que o empresário - que possui terras nas duas extremidades de fora da RESEX e uma mansão dentro da UC - descobriu o processo de reconhecimento da comunidade como tradicional, entrou logo na justiça contra a instalação da RESEX, antes mesmo de ela ser totalmente reconhecida. Ele diz ser dono da metade da área definida como RESEX.

-Ação de usucapião 0000173-77-2009.4.05.8101 na 15ª Vara Federal, o Sr. Tales Montana de Sá Cavalcante, que é sócio da Organização Educacional Farias Brito Ltda, com o propósito de regularizar a compra de mais hectares de Antônio Sales Magalhães em 1985, que se reivindica proprietário de 246 ha, sendo mais da metade da parte de terra da Resex (GESTA, 2018).

⁹ Cordel criado pelo professor José Maria, o Dedé, por ocasião da Parceria Público Privada (PPP), um convênio assinado entre a prefeitura e o Colégio Farias Brito que pertence ao empresário que tenta na justiça tomar a terra dos nativos.

¹⁰ “Uma área utilizada por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, e tem como objetivos básicos proteger os meios de vida e cultura dessas populações, e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade”. (BRASIL, 2007, p. 10 apud LIMA, 2017, p. 25).

Figura 2 - Parte em amarelo representa o que empresário requisita na justiça como sua.



Fonte: Site da Associação dos Moradores da Prainha do Canto Verde (AMPCV, [s.d.a])

Infelizmente, ainda há desinformação na comunidade, por conta de mentiras espalhadas em forma de *fake news*. Uma parte dos moradores replicam a ideia que o ICMBio não resolveu o problema da especulação, então a RESEX não teria ajudado em nada. Se assim fosse, ela seria uma “falsa vitória.” Inclusive, como parte dessa proliferação de desinformação, vemos uma placa na frente da associação que é contra a RESEX dizendo que não há benefícios. Importante para nossa compreensão das tensões que envolvem esta, é que doravante irei usar o termo “Organização B” para me referir a essa associação nova.

Figura 3 - Placa construída pela associação independente afirmando que a Reserva não trouxe nenhum benefício para a comunidade.



Fonte: Costa, 2016. Foto recortada por mim.

A chamada Associação Velha (Associação dos Moradores da Prainha do Canto Verde – AMPCV) buscou alternativas para combater as mentiras e distorções. Podemos ver na Figura 4 uma dessas estratégias. Outras estratégias são as Regatas Ecológicas, o trabalho na escola, as excursões que o turismo recebe e oferece palestras sobre a importância da RESEX, a nossa riqueza histórico-cultural, nosso capital social e natural, a presença de Universidades Públicas tanto nas reuniões do movimento comunitário, como em constante diálogo com a escola trazendo oficinas para os alunos, entre outras iniciativas de conscientização.

Figura 4 - Pintura destacando os benefícios aplicados na Reserva Extrativista da Prainha do Canto Verde

BENEFÍCIOS	BENEFICIADOS
CRÉDITO DO INCRA = R\$ 480.000,00	151 FAMÍLIAS
BOLSA VERDE = R\$ 134.000,00 POR ANO	112 FAMÍLIAS
REFORMA DE PESCARIAS COLETIVAS	OS PESCADORES
TAMBORES PARA COLETA DE LIXO	A COMUNIDADE

Fonte: Costa, 2016.

A pintura dos muros foi umas das melhores estratégias de comunicação numa escala mais ampla e também com os turistas. Havia muros falando sobre as leis e os riscos de quem comprava terra também.

O cenário já descrevi, o conflito geral também, porém não é só um conflito, são vários, personagens também são inúmeros. Ao longo deste texto, iremos conhecendo outras tensões, personagens e leituras.

Figura 5 - Pescador celebrando a chegada da Bolsa Verde por conta da RESEX, dez. 2012.



Fonte: Arquivo pessoal da Professora Márcia Ribeiro

Muitas pessoas mesmo recebendo os benefícios acabam sendo persuadidas pelas mentiras, já que são discursos bem pensados e que vão de encontro com sentimentos ou necessidades de boa parte da população.

Também há uma subestimação do empresário e de seu advogado em relação aos nativos. Voltemos à reflexão sobre a ação na justiça para requerer metade da RESEX.

O texto da representação tem argumentos explicitamente fundados numa visão discriminatória da comunidade: em uma das passagens (pág. 8), o advogado desse senhor **supõe que a comunidade não pode decidir sobre a RESEX, pois segundo ele: “A população local é quase analfabeta, são ignorantes, são ‘índios’”!** Decerto eles pensam que esses pejorativamente por eles chamados de **“índios” analfabetos não têm direito** àquela maravilhosa terra, numa atitude racista, preconceituosa e arrogante (AMPCV [s.d], grifo meu).

Ao mesmo tempo em que iniciou seu projeto de tomar o território dos nativos via judiciário, buscou também efetivar a cooptação de lideranças e de alguns nativos, que se entregaram aos mandos do empresário em troca de alguns mimos ou promessas surreais que encantavam os ouvidos dos desavisados.

*Sempre os mesmos mecanismos:
Cooptação de lideranças,
Reuniões com festanças,
Sorteios, assistencialismo,
Prática do clientelismo,
Promessas de solução,*

*Fomento à desunião.
Prometendo melhoria
Tem nome de PARCERIA
Mas é COLONIZAÇÃO.
(Prof. Dedé)*

A educação é um dos principais pilares¹¹ da defesa do território e do modo de vida

PRIMEIRA ESCOLA

A comunidade foi cada vez mais percebendo o poder do conhecimento e a importância da educação. Conseguimos então que o município de Beberibe construísse a primeira escola que foi registrada em 14/08/1980, com o decreto 364/90 (AMPCV, [s.d.]).

Mas era um espaço pequeno e só oferecia até a 4ª série (hoje seria o 5º ano) do ensino fundamental e a maioria dos alunos já eram adultos.

continuava sem saber ler e escrever e era grande o índice de evasão e repetência escolar, porque na verdade, os professores não sabiam como trabalhar em sala de aula, porque a melhor qualificação que se possuía era até a quarta série. (Professora local, 41 anos apud GALDINO, 2014, p.132).

Houve vários esforços e até apoio financeiro para melhorar a educação da comunidade, incluindo a oferta de bolsas de estudos para os professores que precisavam avançar nos estudos e também melhorarem suas práticas em consonância com os avanços da pedagogia e das metodologias de cada ciência em cada nível escolar. (GALDINO, 2014).

Figura 6 - Primeira Escola da Prainha.



¹¹ Pilares
renda (pe
(compre

como estética),
ciência política

Fonte: Site da associação (AMPCV, [s.d.]b)

Figura 7 - Prédio da escola antiga, reformado (1986)



Fonte: Acervo Terramar apud GALDINO, 2014

ESCOLA NOVA

*A Escola Bom Jesus
Tem história estudada
Por ser diferenciada
Sua prática lhe faz jus
Que a “ensinar” não se reduz
Mas trabalha o cidadão
Pra fugir da opressão
Das esmolas e cortesias
Com nome de PARCERIA
Mas é COLONIZAÇÃO.
(Prof. Dedé)*

Também como resultado da luta comunitária, a maioria da população se esforçou para conseguir construir uma escola maior dentro do território. Através de busca de parcerias, materiais de construção e da união da comunidade.

Após o primeiro trimestre de 1996, com o **financiamento dos “Amigos da Prainha”**; **Embaixada da Suíça e Assembleia Legislativa do Estado de**

Basileia – Suíça, foi inaugurado o prédio da Escola Bom Jesus dos Navegantes, (...) [bloco 3, onde hoje funciona a parte administrativa da escola], e que marcou um novo período na educação da comunidade. A ampliação da escola com a construção de mais estruturas (...) deu-se em 1997. **Foi concretizada com o repasse de material para sua construção fornecido mediante convênio** entre a SEDUC e a Prefeitura de Beberibe, com apoio financeiro dos “Amigos da Prainha” e com o trabalho de mutirão de **pais e jovens da escola**. (GALDINO, 2014, p.135, grifo meu).

A união da comunidade possibilitou que conseguíssemos tudo e os próprios moradores “botaram a mão na massa”, literalmente carregaram massa, tijolos e construíram os prédios escolares que à sua conclusão formaria um círculo, tendo um espaço de recreação ao centro da escola e sem precisar de muros.

Figura 8- Imagem aérea da escola



Fonte: Google Maps. Círculo e X feitos por mim.

Infelizmente antes de terminarem o projeto inicial, a prefeitura desconsiderou o que a comunidade sonhara e construiu um pavilhão no centro do terreno (identificado com um **X**) descaracterizando o círculo e o espaço central que seria para recreação. Na Figura 8 também é possível ver os “restos do início” do que seria a construção de uma quadra, que não foi concluída e não sabemos o que houve e nem como recorrer. Logo abaixo, também vemos na **Figura 9** o *print*¹² de um vídeo onde o líder comunitário Roberto Painho que, em um vídeo, postou em sua rede social sobre o risco de desabamento das partes que foram construídas e não foram reforçadas ou apoiadas.

¹² *Print* é a foto da tela do celular. Nesse caso é a foto de um frame ou de uma imagem congelada.

Figura 9 - Líder Comunitário Roberto Painho fazendo um vídeo mostrando os riscos de a construção desabar.



Fonte: Print do vídeo postado na rede social do Roberto Carlos Ribeiro (Painho). RIBEIRO, 2019.

Sobre as melhorias no quesito pedagógico e político¹³ (PPP¹⁴), a escola também passou por um grande avanço, principalmente com o apoio do Instituto Terramar, que ajudou a discutir com a comunidade o PPP da escola, realizou o Seminário de Escola e Vida no Litoral e outros projetos.

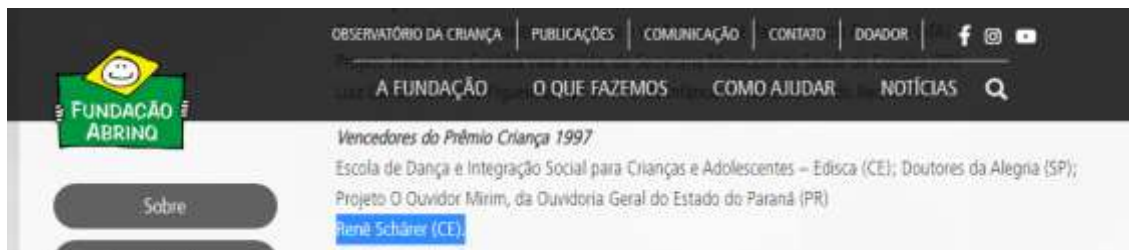
Cabe registrar que esse PPP, cuja elaboração foi iniciada em dezembro de 1997, no curso do Seminário Escola e Vida no Litoral Cearense, sediado pela EMEFBJN, com organização do Instituto Terramar, e contou com a colaboração de professores da UFC, a participação de membros de comunidades de pescadores, estudantes e educadores de várias escolas na Zona Costeira do Ceará. De modo especial, colocou em discussão o processo ensino-aprendizagem em comunidades tradicionais marcadas pelo binômio terra-mar (Projeto do I Seminário ECRE-CE).

A escola chegou a ser premiada pela Fundação ABRINQ, Prêmio Criança 1997 (GALDINO, 2014. p.139).

Figura 10 - Sr. Renè Schärer representa a escola na lista de vencedores da ABRINQ 1997.

¹³ Aqui trato a palavra política no sentido mais “puro” da palavra, ou seja, no sentido positivo, benéfico, a arte da organização, a administração; é uma ciência política. Segundo SILVA: “a política se caracteriza por alcançar um interesse comum, o qual é aqui identificado como sendo a concórdia, isto porque, em diversos momentos, a cidade se encontrará numa verdadeira situação de *stásis*, necessitando assim de uma harmonia ou estabilidade que possam assegurar os interesses comuns”.

¹⁴ A sigla PPP nesse parágrafo, se refere ao Projeto Político Pedagógico da escola.



Fonte: Site da ABRINQ (grifo meu).

O reconhecimento de uma instituição do porte da ABRINQ reforça o histórico da organização dessa comunidade e da visão de que a educação é um princípio fundamental intrínseco ao desenvolvimento da comunidade, à melhoria da qualidade de vida, na busca por tecnologias que resolvam seus problemas cotidianos regionais e estruturais e por consequência a tudo isso, a defesa do território e do modo de vida tradicional. Esse prêmio ressalta tais princípios.

Realizado a cada dois anos, o Prêmio já reconheceu 86 iniciativas voltadas à educação, saúde e proteção e implementadas em todo o Brasil. Ao disseminar boas práticas, a premiação ressalta a importância e o valor dos projetos voltados à promoção dos direitos e mostra o impacto dessas iniciativas na qualidade de vida e, inclusive, nas perspectivas de futuro das crianças e dos adolescentes (ABRINQ, 2021).

Na escola “acontecia¹⁵” o que chamavam de Pedagogia Construtivista. No chão da escola era comemorado de forma intensa o dia da posse da terra¹⁶, a viagem SOS, as músicas e poemas dos artistas locais, as histórias vivenciadas pelos idosos e pescadores mais experientes, dança do boi e Papangus. A economia local também era sempre colocada em evidência¹⁷, entre tantas outras coisas que mantinham forte o sentimento de pertença e de coletividade, de grupo e de ancestralidade.

¹⁵ Coloquei entre aspas porque sei que ainda há algumas ocasiões em que tanto na educação infantil, quando nos anos iniciais e finais ainda conseguem desenvolver uma aula dialógica e contextualizada, porém não mais de forma sistemática, consistente e coletiva pela maioria dos educadores e pais.

¹⁶ “Vitória de uma batalha judicial, que se arrastou por longos 17 anos, contra uma imobiliária que tentou expulsar a comunidade das terras onde vivia. No entanto, essa batalha foi vencida, em [14] março de 2006, quando do julgamento da ação rescisória da comunidade no STJ foi anulado a usucapião da imobiliária, abrindo caminho para regularização da posse e garantindo aos moradores o direito de permanecer na sua terra” (GOMES, 2010).

¹⁷ Veremos em fotos nesse trabalho, atividades que a escola realizava com dados da pesca, tipos de peixes, estatísticas de pesca, locais de pesca e instrumentos da pesca, entre outros temas desse aspecto.

Figura 11- Aluno apresentando trabalho de matemática com dados da pesca local



Fonte: Arquivo pessoal da Professora Márcia, 2015.

Os espaços e eventos sempre eram meticulosamente planejados, pensados, relacionados com a vida das crianças e as rotinas e temas referentes à comunidade. A diferença para os dias atuais é que, hoje, na maioria das vezes, é algo pontual, como outras datas importantes que não tem a ver com a produção de “o desenvolvimento de potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos”, (BEBERIBE, 2020, p. 61).

Figura 12- Momento de apresentações sobre a cultura: os professores e estudantes apresentam para a comunidade no Centro Comunitário.



Fonte: Arquivo pessoal da Professora Márcia. s.d.

Figura 13 - Biblioteca da escola Bom Jesus dos Navegantes em junho 2010



Fonte: Arquivo da professora Márcia.

Figura 14 - Funcionária do ICMBio reunida com a comunidade no pátio da escola



Fonte: Arquivo da Associação, abril de 2013.

Figura 15 - Alunos criando um tabuleiro sobre práticas de conservação do meio ambiente
31.10.2017



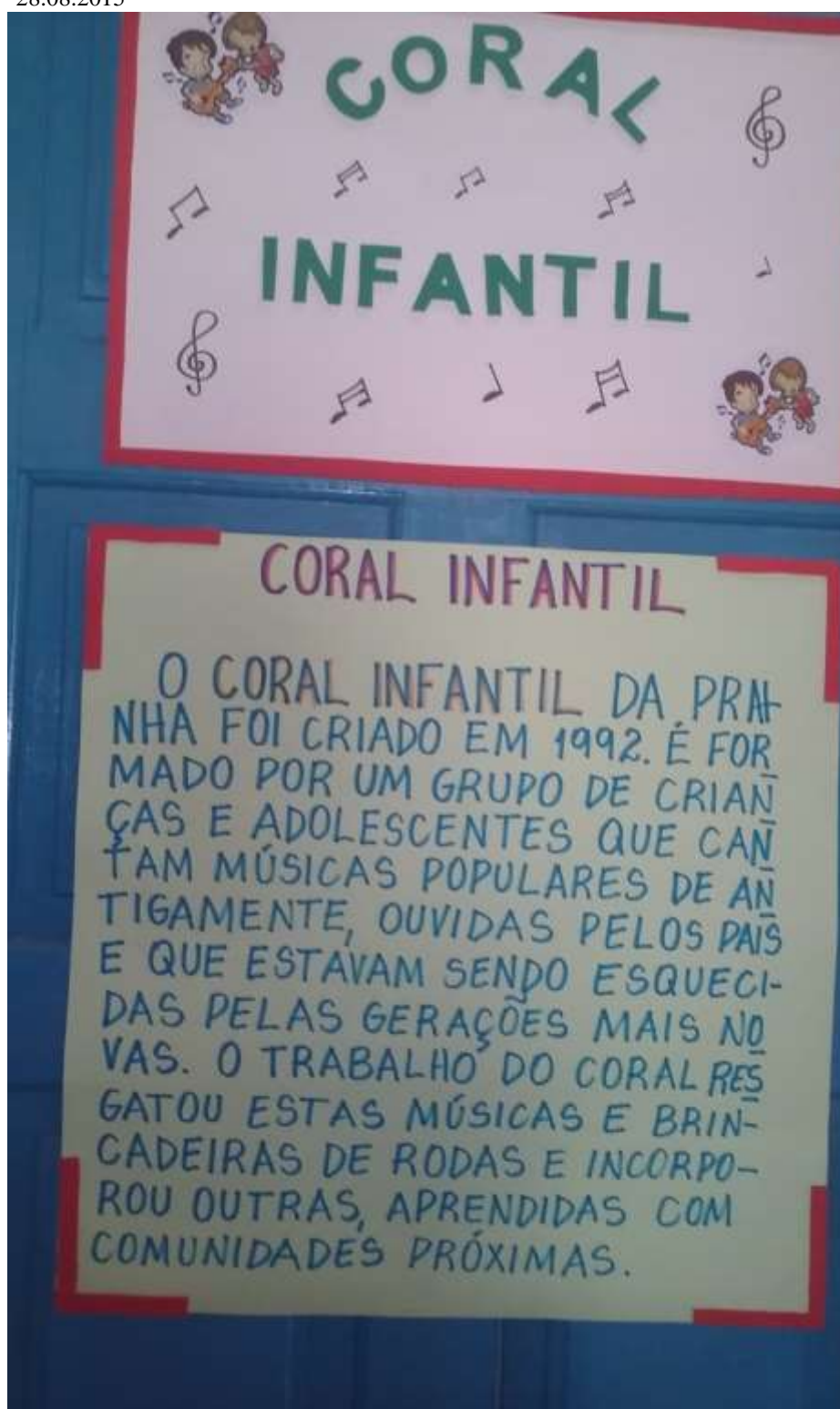
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 16 - Exposição da escola ocorrida no Centro Comunitário no dia 28.08.2015



Fonte: Arquivo pessoal da professora Márcia. s.d.

Figura 17 - Exposição da escola ocorrida no Centro Comunitário no dia 28.08.2015



Fonte: Arquivo da professora Márcia. s. d.

Desde a origem da comunidade: a educação foi o Griô¹⁸ da nossa história.

*As memórias de um povo
Nem sempre estão escritas
Na verdade, é mais comum
Na forma contada e dita
Guardada por **guardiões**
Que qual poema recitam.
(Prof. Dedé, grifo meu)¹⁹*

A comunidade foi originada especialmente por dois casais que, com o passar do tempo, viram aumentar o núcleo familiar, conforme registrado por GALDINO (2014). Depois outras famílias se achegaram para cá,

atraídas pela tranquilidade do local, por sua beleza e pela facilidade que o mar proporcionava na aquisição do alimento de origem animal, o que favorecia a sobrevivência. (...) suas descendências chegavam até 15 filhos, todavia, dada a **inexistência de uma orientação** nutricional adequada, muitos deles morriam durante seus primeiros meses de vida. **Não existia orientação educacional** nesse período, **os pais eram analfabetos** e os filhos daqueles **que se interessavam** eram direcionados para estudar na comunidade vizinha do Jardim, com o professor Joaquim Nel. (GALDINO, 2014. p.36, grifos meus).

Não temos informações da existência de registros imagéticos desses dois casais que iniciaram a comunidade, contudo temos dos casais que iniciaram a luta da terra na comunidade.

Temos como premissa que na década de 1970 instaurou-se novo processo de valorização do espaço costeiro no Ceará. Essa nova realidade caracterizou-se pela perspectiva de “modos de vida em confronto” em espaços ocupados historicamente pelas comunidades pesqueiras marítimas. Os conflitos evidenciam a disputa pela posse da terra (LIMA, 2012. p.39).

¹⁸ Griôs – Adaptação para a língua portuguesa do vocábulo francês griot, pelo qual são designados, na África ocidental, os detentores das tradições orais, os guardiões da memória e dos costumes – conhecidos localmente como djali, djeli, jeli, djeliw. O termo vincula-se de modo geral aos tradicionalistas, aos conhecedores da história e dos costumes das comunidades negras (KOMINEK e VANALI, 2018. p.38, grifo meu).

¹⁹ Cordel chamado Guardiões da Memória criado pelo professor José Maria, o Dedé, e apresentado pelo Fantoche Griôzinho e eu no evento da 7ª CRE-SME do município do Rio de Janeiro.

Figura 18 - Primeiros²⁰ casais que iniciaram a luta em defesa do território.



Fonte: Arquivo da AMPCV, janeiro de 2010 – Exposição escolar sobre a história da comunidade (a foto do casal à esquerda foi substituída, pois a digitalização do arquivo prejudicou a qualidade da foto comprometendo a identificação das faces.

Como podemos ver, essa foto foi de um evento da escola, onde se difundiam intensamente as lutas e narrativas desse povo. Logo, podemos perceber, que a educação está muito além da escola, embora a escola tenha esse poder de concentrar o discurso e a prática educacional. Ainda assim, há os conflitos de prioridades²¹ e consequentemente do tempo²² para que a escola possa discutir e praticar ações de orientação nos diversos assuntos relacionados à vida da comunidade²³, ao seu desenvolvimento, ao presente e também ao futuro, de modo que seja ela, a escola, a principal fomentadora da transformação das situações problemáticas.

(...) nosso direito de ser, pretende que sua presença se vá tornando **convivência**, que seu estar no contexto vá virando estar com ele, é o **saber do futuro** como problema e não como inexorabilidade. É o saber da História como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, **meu papel no mundo** não é só o de

²⁰ Junto com outros casais, como por exemplo, o seu Geraldinho e a esposa e outros.

²¹ Prioridade de cada aluno avançar em sua aprendizagem ou cumprimento de agenda conteudista e de repetição dos modelos de provas externas.

²² A ideia de que a carga horária deve ser cumprida dentro da sala de aula sob a tutela de um professor, interferindo tanto na aprendizagem das crianças, pois coloca a transmissividade expositiva como princípio inegociável, quanto interfere na possibilidade de o corpo técnico da escola (professores e comunidade escolar) se reunir, se planejar com tempo suficiente para debater, encaminhar e criar ferramentas de avaliação contínua para a maioria dos processos que forem executados.

²³ Na nota anterior, finalizei dizendo que a maioria dos processos devem ser avaliados e por que eu não disse todos? Porque muitos projetos, vivências e experiências não são mensuráveis a curto ou médio prazo. Mas é possível sim, avaliar o conjunto de ações na conscientização dos alunos e pais a partir da espontaneidade que esses agem em relação a algumas ideias discutidas no trajeto formativo/vivenciado/experenciado.

quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. **No mundo** da História, da cultura, da política, **constato não para me adaptar, mas para mudar**. No próprio mundo físico minha constatação não me leva à impotência. O conhecimento sobre os terremotos desenvolveu toda uma engenharia que nos ajuda a sobreviver a eles (FREIRE, 1996, p. 76-77, grifos meus).

Evidentemente, sabemos que não há investimentos financeiros necessários para resolver problemas estruturais da/na escola, mas a partir do que a citação acima diz, podemos focar apenas no que a escola tem de sobra, que são as condições de discutir, envolver, articular, priorizar, usar a autonomia que a legislação nos outorga.

§ 3º No exercício da gestão democrática, a escola deve se empenhar para constituir-se em espaço das diferenças e da pluralidade, inscrita na diversidade do processo tornado possível por meio de relações **intersubjetivas**, cuja meta é a de se fundamentar em **princípio educativo emancipador**, expresso na **liberdade de aprender**, ensinar, pesquisar e **divulgar** a cultura, o pensamento, a arte e o saber. (BRASIL, 2010, art. 54, grifo meu).

Como vemos no trecho da legislação acima, o princípio norteador, a meta, é a emancipação, e não as avaliações externas²⁴ ou a repetição do que o livro manda²⁵. É um erro grotesco considerar o livro como um currículo. Pois este (currículo) não pode ficar à “margem dos debates que envolvem professores, alunos e comunidades” (Lima; Zanlonrenzi; Pinheiro, 2012, p.32). Também não se pode ter no livro didático um direcionamento inquestionável como se fosse uma bíblia. No livro “A Representação Social do Negro no Livro Didático: o que mudou? Por que mudou?” da professora SILVA (2011), ela nos alerta sobre estereótipos, silenciamentos, eurocentrismos e outras fragilidades apontadas em uma educação focada somente no livro, sem nenhuma crítica ou análise sobre o currículo que esses livros trazem. Ainda segundo a autora, a superação desse estigma, está ocorrendo porque,

Existe uma rede de informação e formação paralela às instituições oficiais, que vêm expandindo uma representação mais real da realidade étnico-racial do país. Essa representação pode contribuir, em grande parte, para uma percepção e conceito mais reais dos sujeitos representados, uma vez que ela

²⁴ Segundo COSTA (2018, p.20) “as avaliações de larga escala propostas inicialmente para diagnosticar a aprendizagem e direcionar a tomada de decisão na busca por uma educação de excelência, passaram a fazer parte do processo escolar, encaminhando-o para a prática de provas, simulados, treinamentos, tendo em vista não só o mapeamento da alfabetização no Estado, mas girando em função do Prêmio Escola Nota 10”.

²⁵ Sobre confundir o livro com o currículo, SILVA (2011) nos dá pistas para compreender os riscos, lacunas e distorções que o professor pode e deve estar atento e essa atenção de dá quando esse participa de redes e comunidades de estudo, pesquisa, formação e compartilhamento de discussões mais atualizadas.

passa a não reproduzir os objetos de estigmatização que, colocados na nossa consciência, produzem um conceito inferiorizado desses sujeitos (SILVA, 2011, p. 94).

A cartografia social²⁶ por exemplo, é uma dessas formas de representação mais próximas do real, próxima das diversas realidades que ela investiga, ouve e registra, mesmo que em dissonância com as cartografias oficiais do Estado. Historicamente, o Estado não tem interesse em cuidar e garantir direitos para os povos originários e comunidades tradicionais e, portanto, estes não eram retratados na cartografia oficial, mas pelo contrário, considerava suas terras como devolutas.

Na esteira dessa tensão entre Estado e os direitos das comunidades periféricas, Althusser (1980) nos lembra de que a escola é uma das ferramentas de transmissão da ideologia burguesa ou ideologia dominante. Mas para isso dar certo, é preciso entender que essa ideologia “representa a escola como um meio **neutro**, desprovido de **ideologia**” (ALTHUSSER, 1980, p. 67, grifos meus).

É necessário, ainda que dentro da legislação criada pelo Estado, saber que a escola também é respaldada legalmente para que o princípio norteador seja a emancipação. Ainda em Althusser, que os educandos sejam capazes de serem conscientes e livres para perceber quais caminhos, ações, atitudes e consequências são melhores ou piores para si.

O principal documento norteador da escola, o PPP, foi feito no auge daqueles acontecimentos positivos que falamos da educação escolar em seus primeiros anos de existência na Prainha. Nesse documento é previsto que a escola sempre levaria em consideração a problemática, a complexidade e as riquezas culturais e naturais da comunidade.

A E.M.E.F Bom Jesus dos Navegantes, além de ter esses princípios supracitados, a proposta pedagógica da escola se fundamenta também, por se autor reconhecer, como uma **escola diferenciada**, e está situada dentro de uma Reserva Extrativista (RESEX), uma escola que estar(sic) preocupada com os **princípios ambientais**, e ver(sic) na Política Nacional de Educação Ambiental um mote mais significativo na construção identitária de seu modelo de escola ideal (BEBERIBE, 2020, p.57).

²⁶ Em SARRAF apud BRIOSO (2018) compreendemos que a Cartografia Social é [...] como campo teórico metodológico decolonial, não linear, processual, dinâmico, rizomático, múltiplo. Ela envolve a construção de conhecimentos sem dualidades, valoriza suas intersecções e interculturalidades. Por meio do mapeamento, interpretação, reflexão e ação, [...] gesta conhecimentos nas interfaces de teorias nômades com diferentes memórias, seus lugares, usos e significações. (SARRAF, 2015, p. 23).

Porém, após o decreto que instalou a RESEX, alguns pais de alunos que antes eram a favor da defesa do território, influenciados pelas promessas do empresário, passam a negar a existência do decreto e também a causarem conflitos na escola quando esta tratava do tema. Então o corpo docente da escola decidiu “evitar” falar em RESEX e dos conflitos existentes na comunidade.

Por ocasião das primeiras reuniões do Conselho Deliberativo da RESEX, Prainha do Canto Verde (CDRPC), Lima (2014) listou as 17 “demandas e estratégias tratadas ou encaminhadas nas reuniões do CDRPC” e entre essas estratégias, temos sobre a questão de falar sobre a importância da RESEX na sala de aula e o encaminhamento encontrado, foi que deveria ser buscado “captação de recurso financeiro” para se conseguir fazer essa discussão. Veja na íntegra o encaminhamento da educação.

Além das atividades da rotina de funcionamento do CDRPCV foram realizadas, com a participação da equipe da UFC, duas reuniões com professores da Escola de Ensino Fundamental (...) [Bom Jesus] dos Navegantes, para discussão sobre formação continuada para professores tendo em consideração a realidade local marcada pela decretação da Reserva Extrativista da Prainha do Canto Verde. Os professores reclamam da dificuldade em saber mediar o debate sobre o conflito socio territorial na sala de aula, mesmo quando o assunto surge relacionado aos conteúdos disciplinares. O encaminhamento proposto consistiu na elaboração de projeto para tentar a captação de recurso financeiro visando viabilizar a formação em causa. (LIMA, 2014, p. 40).

Nos últimos 5 anos, alguns professores tem celebrado por conta própria essas datas importantes da história da comunidade. Embora o calendário da escola sempre tenha contemplado tais datas, apenas uma vez foi feita reunião com o corpo docente para planejar em conjunto em como seriam trabalhados esses momentos históricos. Aparentemente, essa desarticulação é um dos maiores fatores que têm colaborado para enfraquecer a relação das crianças com a própria comunidade. A grande maioria das crianças já não reconhecem ou não sabem das lutas que seus antepassados lograram para defender o território, o direito à moradia e ao espaço em que hoje as crianças, adolescentes e jovens usufruem, soltam pipa nas dunas, brincam de carrilhadeiras²⁷, brincam de botinho²⁸ nas lagoas interdunares, correm ou jogam bola na beira-mar, usam campos de futebol de areia com marcação de madeira. Marcação essa que é

²⁷ Um tipo de Sandboard adaptado, feito de madeira, na maioria das vezes é usado sentado ou deitado, embora alguns jovens se arriscam em pé.

²⁸ São miniaturas das jangadas, dos barcos típicos da região, que possuem vela, contrapeso e outros apetrechos de tamanho em escala.

religiosamente respeitada pela comunidade que não aceita conflitos²⁹ por conta desses espaços públicos.

A memória dos grupos sociais é, portanto, crucial para a autonomia de um povo e, logo, de suas possibilidades como humanidade. O memorável, do ponto de vista dos que sofreram, sonharam e o recordam, guarda as situações mais relevantes que uma comunidade já viveu. E isso se explicita por meio de múltiplas linguagens, sob a forma de registros em forma de livro, músicas, hinos, imagens, desenhos infantis, obras literárias e artísticas, assim exprimindo a versão consolidada de um passado coletivo de uma determinada sociedade. (LIMA, 2017.p. 20).

O PPP da escola contempla as discussões e papéis discutidos até aqui. No entanto, a prática educativa dentro da escola de modo instituído se aproxima muito mais do modelo burguês citado por Althusser, aquele mascarado de neutralidade, como aparece na fala do empresário, por ocasião de sua vinda com vereadores e o prefeito para avisar do convênio assinado: "quando assumirmos a escola, no dia seguinte terá uma bandeira branca na entrada da escola e será proibido falar em associação dentro da escola".³⁰

Talvez falte ainda no PPP a “vacina” que preserva as novas gerações de não perderem a resistência. No PPP de nossa escola existem algumas afirmações sobre a defesa da terra e o contexto da comunidade, como se pode ver na escola diferenciada indígena dos Tremembés.

Nessas escolas diferenciadas, todos os professores trabalham coletivamente ajudando uns aos outros, no dia a dia. Também têm a presença das lideranças, do cacique e do pajé, fazendo **palestras sobre a luta**, para que os alunos valorizem cada vez mais a nossa escola e etnia, para os **mesmos não se envergonharem de dizer que são índios** [prainheiros em nosso caso], **em toda sociedade**. (FONTELES FILHO, 2014, p.13, grifo meu).

Essa reflexão de retomada desses debates, desse ensino sistematizado em torno da história, dos princípios e dos direitos dos moradores da comunidade, é algo que sempre está em pauta nas rodas de conversa de líderes comunitários e alguns moradores que ainda ajudam na luta.

Uma dessas lideranças que, louvavelmente, também é professor, foi coordenador da escola por 2 anos, é cordelista, além de artista que pinta quadros e outros desenhos

²⁹ Na comunidade existem pelo menos 3 campos de futebol e embora a especulação imobiliária com venda de terra ilegal esteja avançada por omissão do Estado, a comunidade tem consenso sobre respeitar o uso e o espaço desses campos de uso coletivo.

³⁰ Ver mais a frente em “Anotações Que Fiz Por Ocasão Desta Visita E Desdobramentos (01.12.2019)”.

sobre nossa história. É o professor Dedé. Na Figura 19 vemos o print de um vídeo onde ele expõe brevemente alguns desses desafios³¹ da educação em nossa comunidade.

Figura 19 - Exposição do professor Dedé em evento da UECE sobre educação popular: IV Legado Freireano



Fonte: Print do vídeo do canal da UECE. (link nas referências)

A fala do professor Dedé traz para nós a dimensão do que seria instituinte. De acordo com Lourau (1993, p.7), “instituinte é aquela força que entra em contradição com o já instituído”. Ou seja, a educação escolar na Prainha do Canto Verde, no decorrer dos anos, ao se institucionalizar, legal, pedagógica e em suas práticas/rotinas, foi se afastando das aspirações do momento fundador, ainda que estas pudessem mudar, mas sua teleologia, que é seu fim último, a melhoria de vida das novas gerações e, conseqüentemente, de toda a comunidade, já não está na instituição. As forças instituintes são as que tentam reinventá-las. Para melhor compreender tais desafios, podemos, ainda com Lourau (1993, p.9) “ser mais fácil reconhecer e identificar o já conhecido, ou o instituído. Quanto ao ‘novo’ – o ‘estranho’, o ‘desconhecido’ -, sempre temos podido isolá-lo como incoerente (e assim, ainda hoje, o fazemos)”. E porque resgatar as aspirações do momento fundador é vista como “desconhecida”? Porque ela já não é neutra, como exige “a escola burguesa³²”, como vimos nas demandas e estratégias tratadas ou encaminhadas nas reuniões do CDRPCV.

Na verdade, o que o instituído também tenta apontar como novo e desconhecido das práticas contextualizadas na educação, já existia e tem raízes históricas.

³¹ No time 1h33min12sec.

³² Como vimos em Althusser (1980).

Gauthier também coloca, como parte integrante desses processos, a construção coletiva do conhecimento de forma grupal, algo que motiva a maioria dos dispositivos da Pretagogia, pois a experiência de anos de atividade de educação popular mostra a riqueza maior da produção coletiva, em comparação com o modo individualizado de aprendizagem estimulado pela educação convencional na nossa sociedade (PETIT, 2015, p.124).

Destarte, essa pesquisa nasce nesse contexto conflituoso e delicado com o intuito de realizar uma análise institucional, cartografando as forças que exercem micropoderes (COSTA, 2014) na execução da atividade fim³³ da Escola Bom Jesus dos Navegantes, buscando a compreensão dos movimentos de mudanças, construções, desconstruções e subjetividades que influenciam a vida escolar. Em meio a isso, nascem as questões que nortearam esse trabalho: o que acontece e quais os processos que influenciam nas mudanças de comportamentos, de resultados, de mobilizações e desarticulações dos movimentos de resistência e lutas dentro da escola da RESEX Prainha do Canto Verde? O que podemos chamar de movimento instituinte e contra-instituinte nesse contexto de se fazer escola?

Como professor, tenho percebido qual contribuição posso dar, porém, a partir da compreensão das principais dificuldades dos professores e pais, desejo propor uma intervenção, não como por ser um professor, mas por ser um morador preocupado com as futuras gerações, preocupado com a manutenção dessa cultura e preocupado com a saúde psicológica e cansaço dos professores que acabam ficando sozinhos³⁴ (os que ainda não abandonaram essa missão) nessa tarefa de educar para a vida, enquanto poderíamos todos, Ubuntu³⁵, nos ajudarmos na formação das crianças e jovens, esses que cuidarão (ou não) dessa comunidade que os guardiões³⁶ dedicaram a vida para preservar; esses que foram o motivo da luta dos guardiões.

³³ PPP da escola: **Item 3.2.4 Concepção de Escola:** Instituição social com objetivo explícito: o desenvolvimento de potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, mediante a aprendizagem dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, procedimentos, valores e atitudes), de maneira contextualizada, desenvolvendo a capacidade de tornarem-se cidadãos participativos na sociedade em que vivem (BEBERIBE, 2020).

³⁴ Aqui digo sozinho, mas se por um lado há professores que nem se importam, por outro lado há pais fazem a diferença na formação de seus filhos. Mas esse é o resultado natural das coisas. A contribuição da escola é preferencialmente alcançar aquelas crianças em que os pais não têm conseguido “educar para a vida”.

³⁵ NASCIMENTO (2014) diz que: “uma política de constituição do Comum é a afirmação da ética Ubuntu, através da afirmação da igualdade contra o privilégio, da multiplicidade contra a uniformidade, do respeito contra o preconceito, da inclusão contra a exclusão e da criação de meios que assegurem ‘humanidade’ para os muitos de uma coletividade e, objetivamente, acesso aos direitos definidos como ‘humanos’”.

³⁶ Como são carinhosamente chamados os mais velhos que conhecem muitas histórias da comunidade e principalmente as histórias das vitórias, dos desafios superados e dos projetos conquistados.

Essa pesquisa traz a possibilidade de buscarmos esclarecimentos da teleologia³⁷ das práticas pedagógicas no seio da vida escolar, da valorização ou silenciamento da cultura local, dos conflitos cotidianos que poderiam possibilitar aprendizado não só aos alunos, mas a todos que, de alguma forma estão imbricados nesses conflitos e as problemáticas precisam ser solucionadas, superadas ou contornadas, sem, no entanto, negá-las, sem deixar de entendê-las, mas pelo contrário, que essa teleologia esteja evidente e latente na prática cotidiana da comunidade escolar.

Já foram realizadas pesquisas sobre a educação ambiental, sobre o distanciamento do currículo em relação aos problemas da comunidade (FONTELES FILHO, 2015), sobre a ancestralidade africana (ALMEIDA, 2014) e sobre a trajetória da escola (LIMA, 2017), entre outras. Neste trabalho, mergulharemos nas cartografias das forças em disputa na produção da educação escolar para, assim, desvendar os caminhos da prática escolar, buscando constatar se está ou não havendo a implementação de um currículo *complexo*³⁸ que inclua a maior parte possível da realidade vivida pelas crianças, com seus problemas/riquezas socioeconômicas, socioculturais, socioafetivos, socioambientais, subjetivos, artísticos, transcendentais, dentre outras.

³⁷ qualquer doutrina que identifica a presença de metas, fins ou objetivos últimos guiando a natureza e a humanidade, considerando a finalidade como o princípio explicativo fundamental na organização e nas transformações de todos os seres da realidade; teleologismo, finalismo (Google Dicionário).

³⁸ Para Morin (2018, p. 6) “Discutir sem dividir: a palavra *complexus* retira daí seu primeiro sentido, ou seja, “o que é tecido junto”. Pensar a complexidade é respeitar a tessitura comum, o complexo que ela forma para além de suas partes”.

1. O CAMINHAR É UMA META

(...) o chapeuzinho dele era de cipó. Aí ele tava na mesa, ele ia almoçar. Aí ele saiu da mesa, e se levantou-se, saiu pra fora e sentando assim, olhando as casinhas das famílias, disse: “Nunca deixem tomar a Prainha do Canto Verde de vocês.” Isso eu achei muito importante e muito bonito.³⁹

O início dessa pesquisa começa com minha história, ou seja, é como se este tema já estivesse previsto para mim, como tentei explicar no capítulo sobre minha implicação. Não estou falando de algo que tenha a ver com destino ou determinismo. Mas caminhos que são religiosamente seguidos, costumam não falharem em deixar, ou passar, por lugares cuja direção se anuncia, isso é resultado da práxis.

“Comemorei” no item PRIMEIRO ANO COMO DOCENTE NA RESEX a possibilidade de participar de uma extensão que ocorreria em parceria com a escola e achei que dessa extensão resultaria a minha pesquisa do TCC, mas infelizmente a extensão ainda não se concretizou e eu precisava finalizar meu trajeto de 11 anos no espaço acadêmico como discente da graduação. As diversas cadeiras que fiz no curso de pedagogia me instigaram, principalmente quando se tratava de algo “embativo”, quando se tratava de subversão ao sistema posto. Esse embate é nossa única arma enquanto população. Sobretudo quando defendemos que a população não deve estar armada com armas bélicas como querem os armamentistas demagogos.

Passei pelos temas da avaliação, educação comparada, questões étnico-raciais na educação, educação no campo, educação de jovens e adultos, informática na educação, PPP das escolas, educação e identidade da comunidade escolar, educação e juventude egressa do fundamental, anos finais, e, finalmente encontrei as cartografias das forças (instituintes, contra instituintes e instituídas) que me permitiriam acessar discussões de todos, senão da maioria, dos demais temas que me atraíam.

Nosso método de intervenção consiste em criar um dispositivo de análise social coletiva. Pontuamos o sentido do termo sócio análise no dispositivo de intervenção. O que é, então, esse dispositivo? Consiste em analisar coletivamente uma situação coletiva. Nesse sentido, o socio analista tem trabalhos a fazer que não são, necessariamente, os de interpretação. Alguns, preferencialmente, se utilizam da interpretação; outros quase não a usam. Como em todas as linhas, há vários caminhos (LOURAU, 2004. p. 30).

³⁹ Dona Veinha, pioneira na luta em defesa do território, narrando uma das passagens de Dom Aloísio nos eventos que ocorriam na comunidade.

Assim, “a cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo estamos em processos, em obra”, afirma Virgínia Kastrup. “E isso é o que, de fato, queremos compreender neste campo, pois a escola não pode ser vista como um espaço congelado, engessado”, regido por “uma grade”, mas lugar que constantemente está em movimento e transformações. É, portanto, o que pretendi buscar ao entrar com o olhar na busca das forças contidas no espaço escolar e extraescolar. Também usei o diário de campo que “é um elemento importante para a elaboração dos textos que apresentarão os resultados da pesquisa” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓCIA, 2015, p. 56).

Na sequência, com a orientação do professor José Mendes Fonteles Filho (Babi Fonteles) optei também pela metodologia da Análise Institucional, que diz que “a institucionalização⁴⁰ é o devir, a história, o produto contraditório do instituinte e do instituído, em luta permanente, em constante contradição com as forças de autodissolução” (LOURAU, 1993, p. 12 a nota de rodapé é minha). Também levando em consideração o que afirmo no tópico **Minha História**, sobre como vejo e sonho a educação, minha subversão epistemológica encontrou caminhos para se fermentar e se materializar na escrita, para, juntando-se as mais de 100 pesquisas já realizadas nesta comunidade, possam num futuro muito breve, dar corpo a um curso de especialização em educação contextualizada, assim como essas mais de 100 pesquisas provocaram o I Seminário Estadual de Educação Contextualizada, que aqui ocorreu, e que chamei, no projeto que ajudei a construir, de ECRE (Educação Contextualizada em Reserva Extrativista). Um dos objetivos específicos do seminário era “Contribuir para a consolidação de uma Prática Pedagógica eficiente e contextualizada, concretizando assim, Escolas Contextualizadas em Reservas Extrativistas (ECRE)”.

Iniciei esta pesquisa pelos desejos, e não pela bibliografia. Talvez um pecado metodológico para a academia, ou, como propõe SOUZA (2019, p. 106) “a proposta cartográfica sugere uma reversão da concepção tradicional de método (metá-hódos) para **hódos-metá** porque a primazia recai sobre a experiência do caminhar da pesquisa” (grifo meu). E assim tentei reunir os “documentos de primeira mão” que foram colocados em um único arquivo de Word, aqueles que nunca foram analisados, “tais

⁴⁰ Entendo institucionalização aqui como a historicidade* que se concretizou na escola, nas rotinas e práticas que temos hoje em dia. Segundo o próprio Lourau, “sendo a institucionalização um processo -e não mera reprodução mecânica - existem, ou coexistem nele, inúmeras estratégias que o "moldam" nesta ou naquela direção” (p. 112).

*BOMBASSARO (2010) explica que, na concepção freiriana “tudo o que é significativo, tudo o que o homem toca e tudo que toca ao homem – seu corpo, suas emoções, seus desejos, seus atos, seus pensamentos – traz a marca da historicidade” (p. 205).

como documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc.” (PETIT, 2015, p.51). Na mesma discussão, iguala a pesquisa bibliográfica com a documental, diferindo apenas, pelo fato desta segunda ainda não ter passado por análises “(natureza das fontes)”. Mais à frente, o autor elenca alguns procedimentos necessários para a leitura do material a ser analisado.

O procedimento seguinte consiste na leitura analítica, que tem por finalidade ordenar e sumariar as informações contidas nas fontes, de forma que possibilitem a obtenção de respostas da pesquisa. Nessa leitura procede-se à identificação das ideias-chaves do texto, à sua ordenação e finalmente à sua síntese.

Por fim, procede-se à leitura interpretativa, que nem sempre ocorre separadamente da leitura analítica. Na leitura interpretativa procura-se estabelecer relação entre o conteúdo das fontes pesquisadas e outros conhecimentos, o que significa conferir um alcance mais amplo aos resultados obtidos com a leitura analítica (PETIT, 2015, p. 74).

Após essa leitura analítica, comecei a separar aquilo que considerei importante, como nos diz Lemos e Galindo (2015, p. 462) que “A pesquisa documental histórica auxilia na problematização de práticas sociais, da desnaturalização das mesmas e da ruptura com cristalizações”. Desta forma, percebemos a relação com a compreensão das forças instituintes, que constitui essa “**contradição** com o já instituído” (LOURAU, 1993, p.7, grifo meu).

Assim, é importante analisar e refletir o modo pelo qual se produzem e reproduzem as instituições, seus movimentos, os sujeitos que são afetados e as mudanças inerentes ao processo institucional para compreender seus efeitos no campo social em que atua.

*“se eu pudesse tirar o sangue das minhas
veias pra ver a luta da terra terminada,
eu tirava⁴¹”⁴²*

⁴¹ GALDINO (2010, p.218).

⁴² Frase do Seu Pilé, esposo da Dona Veinha, casal pioneiro na luta em defesa do território.

2. MINHAS IMPLICAÇÕES

2.1. Primeiro ano como docente na RESEX

Meu primeiro ano como professor na escola que analisaremos, foi um ano fechado à *chave de ouro*. Nele aconteceram⁴³ a pesquisa e plenária com projeto Agrinho, visita da turma do Professor Babi Fonteles com metodologia FOFA (Metodologia de Planejamento e Avaliação de Ações Coletivas - respondendo às perguntas: Que escola temos? e Que escola queremos?), iniciamos o planejamento do Seminário Estadual de Educação Contextualizadas em Reservas Extrativistas do Ceará, que seria no início do ano seguinte (2018) e que me encheu de alegria quanto tive a oportunidade de ler a minuta do projeto de extensão elaborado pelo Grupo de Pesquisa e Extensão chamado OPLURAL (Observatório das Políticas Públicas do Mundo Rural), o qual estava prestes a fazer um trabalho de extensão aqui na Prainha.

2.2. Minha história

Estudar dói, alguém disse uma vez. Eu responderia que só dói quando somos obrigados a "vestir as calças de Descartes". Dói ter que cumprir as regras ortodoxas e talvez até dogmáticas da ciência ocidental compartimentada, abstraída do contexto para ser analisada. Na escola que eu sonhei desde meus primeiros passos no deslumbramento do que é verdadeiramente (ou pelo menos o que pode ser) a Educação, não doía não. Muito pelo contrário, professores e alunos se alegravam ao lembrarem que tinham que ir para escola e se entristeciam ao lembrar que deviam ir embora.

Muito cedo na minha vida, eu descobri que algumas pessoas precisavam de ajuda para aprender, e aprendi também que ter conhecimento é um tipo de poder, de inclusão e de persuasão. Eu era bem jovem, ainda no ensino fundamental e tinha uma mania de sempre querer fazer as coisas mais certas o possível, para “dar orgulho” aos meus pais (já era a 4ª família que eu moraria, mas finalmente era meu pai biológico), embora quase sempre, não conseguia fazer o necessário para dar-lhe orgulho, ou pelo menos não percebia que ele sentia isso⁴⁴. Na época, eu era um aluno de comportamento

⁴³ Mais à frente retomarei esses ocorridos com imagens e discussões um pouco mais aprofundadas.

⁴⁴ Talvez uma vez, em um jogo de futebol, em que eu ainda adolescente jogava no meio dos adultos e fizera um gol, vi meu pai comemorar e comentar para os pais de outros jogadores que eu o orgulhava.

razoável e notas exemplares. Também era um religioso piedoso, embora devesse passar, ainda na juventude, por 2 anos de reencontro ou redescoberta da minha espiritualidade e filosofia/doutrina que queria seguir. Junto a isso, herdara de meu pai o apego à justiça. Ele nunca gostou muito de política e talvez nunca tenha tido algum contato com movimentos sociais. Então, por algum motivo, eu achava injusto aprender as coisas com certa facilidade na escola e muitos colegas não conseguirem o mesmo êxito. Certa feita, me escolheram como líder da turma.

Um dos meus projetos foi reunir os alunos com as melhores notas para ajudarmos os colegas que quisessem ajuda nos estudos. Lembro-me de um colega novato, "nota 10", cujo primeiro contato que tivemos, ele já chegou me desafiando: "soube que você é quem tira as melhores notas da sala, vamos competir? Gosto de competir para me manter motivado." Eu nem tinha mais tanto interesse em ter ótimas notas. Passava por alguns problemas familiares e meu maior esforço era pra não reprovar. Mas convidei esse mesmo colega para ajudarmos os outros que precisavam melhorar as notas, e me escandalizei ao ouvir: "eu mesmo não vou ajudar ninguém! Passo noites e às vezes madrugadas estudando enquanto eles estão curtindo. Se quiserem, que estudem mais para conseguirem melhorar as notas." Talvez houvesse alguma gotícula de razão no que ele falara, mas pensei que pudéssemos despertar justamente o interesse ou o "desacobertamento" do potencial que muitos desconheciam de si mesmos.

Mesmo sem a ajuda desse amigo, consegui montar um pequeno grupo para esse propósito. Contudo, como um jovem ansioso que era (e ainda sou), logo aquele projeto seria substituído por outro: criei uma associação (não institucionalizada) de técnicos em Agropecuária (nem éramos formados ainda) e nos reuníamos para apresentar projetos uns aos outros. Chegamos a fazer visita a uma associação de agricultores para oferecer nossos serviços de estagiários voluntários. Criamos uma logomarca, uniformes, parecia que tudo seria perfeitamente alcançável.

Figura 20 - Dois colegas e eu da Escola Agrotécnica. A camisa branca era nosso uniforme executivo da ATASP



Fonte: Arquivo pessoal. 2005

Não era tão simples assim, embora acredite que estávamos no caminho. Só faltaram alguns detalhes. A foto da **Figura 20** foi na cidade de Floresta do Araguaia. Representando nossa associação, junto com professor Nonato, fomos até o Secretário de Educação, que não era nem um pouco amigável. Um frade que já tinha entrado em discussão várias vezes com o diretor da nossa escola. Não obstante, conseguimos o transporte e a alimentação. Esse rapaz na foto também era da associação (hoje engenheiro e dono de uma grande empresa de georreferenciamento e consultoria agropecuária - CONSULTEC) e sobrinho do secretário de agricultura de Floresta. Ele conseguiu autorização para que tivéssemos acesso livre ao evento, para irmos nas escolas falarmos da importância da Escola Técnica na região e, ainda, uma escola para nos alojarmos. Essa é uma etapa de minha vida que considero o início de meu apego à educação como construção de um arsenal coletivo de saberes e uma porta para o empoderamento.

Depois desse momento histórico em minha vida, trago para refletirmos sobre minhas implicações o período que estive no Seminário, casa de formação presbiteral da Diocese de Santíssima Conceição do Araguaia (IRFP-CNBB/NII). Lá, tive contato com tantas outras situações de injustiça que me fizeram encorpar ainda mais meu senso de indignação e minha convicção de que a educação é um terreno fértil para a conquista de libertações de algumas dessas situações de injustiça. Arriscaria dizer que a educação libertaria de todas as situações de injustiça, pois ela é divulgadora de informações e saberes e, também construtora de conhecimento e soluções. Foi lá que vi um egresso de um presídio pedir comida e roupa, porque saiu de lá sem ter nada nem ninguém para ajudá-lo, a ser uma pessoa diferente. Ele assumia ali mesmo que, apesar do inferno que

vivera dentro do presídio, não via outra saída a não ser voltar para o crime e torcer para não ser pego novamente. Foi lá que eu vi um bispo visitando prostíbulos para aconselhar e fazer uma escuta fraterna às meninas que lá trabalhavam, possibilitando que elas chorassem, desabafassem e aliviassem um pouco do fardo que carregavam. Foi lá que visitei mais de uma vez presídios e delegacias, conversando, rezando e ouvindo presos, inclusive uma vez, em data de natal. Foi lá que fiz parte de uma missão itinerante que visitou e palestrou para mais de 5 mil alunos falando sobre sexualidade, tráfico de pessoas e gravidez precoce. Foi lá que conheci pessoalmente Frei Henri da CPT (2008) de Xinguara-PA, um advogado francês da Congregação Dominicana cuja “cabeça valia cem mil reais” pagos pelos fazendeiros escravocratas que ele representava algum estorvo. Foi lá que assisti filmes como “Nas Terras do Bem Virá”, que retrata a morte da irmã Dorothea e a chacina da curva do “S”, onde militares mataram 19 militantes do Movimento Sem-Terra, além de filmes como “Padre Deans”, entre outros que também não faziam parte da formação oficial, mas um amigo cearense me indicou.

Após entender que não estava pronto ou não era a minha “vocação” saí do seminário e fui estudar na UFMA o curso de Licenciatura em Ciências Humanas. Lá, foi outro mergulho nessa compreensão que me acompanha sobre a educação ser uma trincheira de libertação de inúmeras injustiças que vemos e vivemos cotidianamente. Pois como todos sabem, conhecimento é poder, informação é um capital há muito disputado. E se a educação não vai bem, não é porque algo saiu errado, mas pelo contrário, já dizia Darcy Ribeiro, “porque isso é um projeto”.

Cheguei na UFMA já pensando em um tema para o TCC. Iniciei o curso em 2012.2 e, no primeiro semestre de 2013, buscava a definição de um tema que, embora antecipado, acabei mudando 5 ou 6 vezes, até chegar neste tema que vos escrevo. Como podemos ver na **Figura 21**, tento elaborar uma investigação para o que influencia a juventude, ou seja, quem ou o que tem sido o fator motivacional de aprendizagem, admiração e reprodução por parte da juventude daquela cidade. É uma inquietação de longo prazo, mas que já apontava para o tema que escolhi finalmente, “Cartografias das Forças em Disputa na Produção da Educação Escolar na RESEX Prainha do Canto Verde”. Aqui troco o público em questão (juventudes) pelo processo educativo na RESEX, e desse professo também eu faço parte.

Essas relações denunciam a exterioridade de forças que incidem tanto sobre o pesquisador quanto sobre o objeto de estudo, e atuam rizomaticamente, de

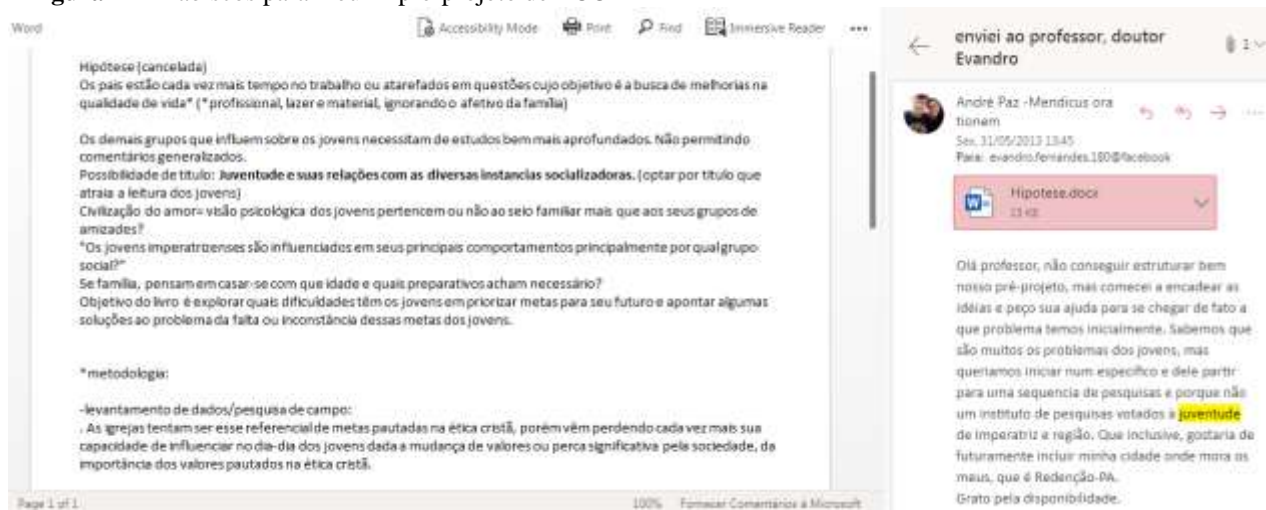
uma maneira transversal, ligando processualmente a subjetividade a situações, ao coletivo, ao heterogêneo (ROMAGNOLI, 2009, p.170).

Já na **Figura 22** o professor contrapõe minha implicação, mas não refutando-a totalmente, ele orientou que eu pudesse contextualizar de onde venho e quem sou. No entanto, ele propõe após essa contextualização, “um afastamento”. Aí sim, nesse último, para Lourau (1993) “a análise das implicações é o cerne do trabalho sócio analítico, e não consiste somente em analisar os outros, mas em analisar a si mesmo a todo momento, inclusive no momento da própria intervenção. A forma que é observado influencia no resultado da pesquisa. Gosto de pensar nas propriedades da luz, para comparar a importância de apresentarmos nossas implicações enquanto “observadores”. Gleiser (1997) nos diz que para a análise das propriedades da luz.

Se o experimento testar suas propriedades ondulatórias, como padrões de interferência, a luz se manifestará como onda; e se o experimento testar suas propriedades de partícula, como colisões com outras partículas, a luz se comportará como partícula. Portanto, a luz não é partícula ou onda, mas, de certa forma, ambas! Tudo depende de como nós decidimos investigar suas propriedades (GLEISER, 1997, p. 298).

“No entanto, no campo das ciências sociais, e mais especificamente na cartografia das forças, não se trata de propriedades, mas de acompanhamento de processo inventivos”. (Gleiser, 1997, p. 298).

Figura 21 - Rabiscos para meu 1º pré-projeto de TCC



Fonte: e-mail que enviei a um amigo acadêmico e a um professor da UFMA.

Figura 22- Resposta de um professor sobre minhas indagações em busca de fazer uma pesquisa.



Fonte: e-mail que recebi de um professor da UFMA Campus Imperatriz-MA.

Na UFMA, comecei a participar de um grupo de pesquisa que um professor cearense havia criado, fizemos uma ótima amizade, mas, antes, ele já era amigo e ex-professor da pessoa que se tornaria minha esposa. Participávamos do mesmo grupo (ela no Ceará e eu no Maranhão) e, em um evento na UFMA, ela veio para apresentar um trabalho em nome de nosso grupo (GEPEE). Eu não pude assistir à apresentação. Porém, na parte da tarde, coincidentemente fizemos a inscrição no mesmo curso de educação do/no campo. Encontramo-nos no curso, depois conversamos muito. Eu não mencionei aqui no texto, mas, a essa altura, eu estava fazendo um acompanhamento, há 6 meses, para ingressar no Seminário novamente. Dessa vez, em uma congregação cujo carisma é a luta e o berço é a África: os Combonianos. Antes de entrar pela primeira vez no Seminário, minhas primeiras intenções em ser um clérigo sempre foram em congregação. A primeira congregação que me cativou foi a congregação dos Cavanis, cujo carisma é a educação. Todavia, uma freira, irmã Rosa de Paula, me convenceu que era a diocese que precisava de minha vocação. Enfim..., após dois meses de diálogo com a Márcia, a colega do grupo de pesquisa, desisto do retorno ao Seminário e me mudo para o Ceará, onde ela morava. Oito meses depois nos casamos e, dois anos depois, viemos morar na Unidade de Conservação Ambiental Federal, RESEX Prainha do Canto Verde em Beberibe-CE.

2.3. Os ventos me trouxeram para a RESEX.

Em 2016, eu trabalhava como agente de limpeza no Hospital Cura D'Arce em Fortaleza. Minha esposa fazia mestrado, e o seu tema era o papel da arte e da cultura na educação da Prainha. Ela fazia uma visita com a orientadora dela na Prainha, e também

iria uma turma de Didática, da professora Ângela Linhares, em 2016. Minha esposa me chamou, troquei plantão com um colega e consegui vir. Chegando na escola, os acadêmicos da disciplina da professora Ângela foram divididos em grupos para entrar em diferentes salas. A professora me colocou como acompanhante de um dos grupos. Talvez por ser esposo da Márcia, ela achou que eu poderia auxiliar a turma ou dialogar com alunos e professores com mais facilidade e assim fizemos. Não me recordo bem qual foi a oficina e a turma em que fiquei, no entanto, depois, ela pediu para eu ir para outra turma. Nesta, a oficina era como se fosse um projeto de vida. Era para eles desenharem o que desejavam ser quando chegassem na idade adulta.

Figura 23 - Desenhos que os alunos fizeram sobre suas aspirações para o futuro



Fonte: Arquivo pessoal

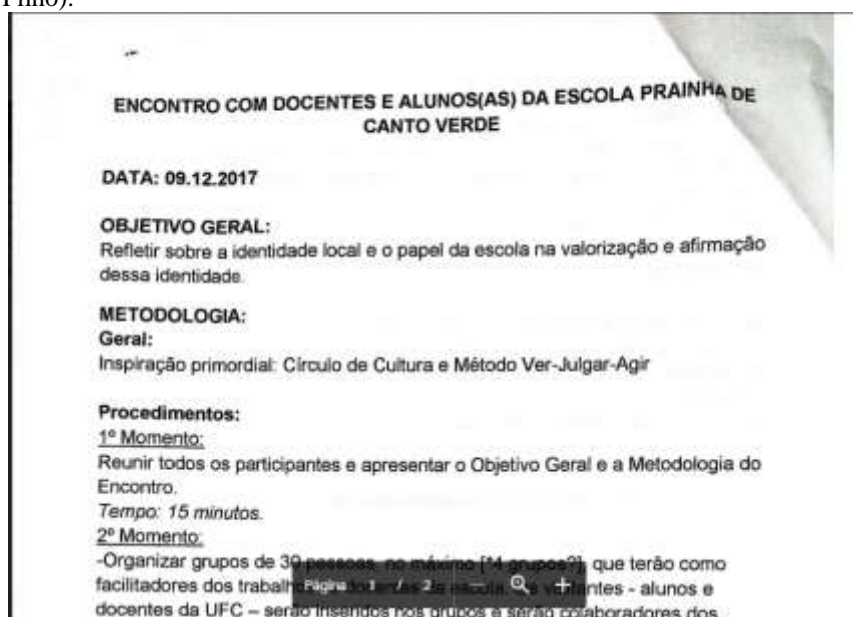
É possível ver muitas profissões nos desenhos e com isso é necessário fazermos a reflexão de que passos esses alunos tomaram para alcançar ou não tais profissões, que condições lhes foram dadas, quais informações eles tiveram acesso e quais lhes faltaram.

Eu ainda não imaginava, mas no ano seguinte, o ano de 2017, o poder executivo da cidade mudou, e com ele as pessoas de confiança que indicavam quem devia gerir a escola, e até mesmo alguns professores contratados. Nessa condição, meus cunhados faziam parte do grupo de pessoas de confiança do prefeito que ganhou as eleições, o qual inclusive era padre. Eles mudaram a gestão da escola com o propósito de resgatar nela aquele ardor inicial, que estava totalmente consonante com a vida na comunidade. Os professores que eram da gestão eram concursados e voltaram para suas disciplinas de ensino. Com as mudanças, surgiu uma vaga para professor das disciplinas de Ciências Humanas. Eu estava há três meses “encostado” por causa de uma hérnia de disco inflamada em função do trabalho de agente de limpeza no hospital. Eu também já

estava no 3º período de Pedagogia na UFC, embora já tivesse feito cinco períodos em uma faculdade privada, também em Pedagogia. Já havia cursado também outros cinco na UFMA, especificamente na Licenciatura em Ciências Humanas. Por esse motivo, fui convidado a compor o corpo docente na escola da comunidade.

Tornei-me professor com o sentimento de colaborar com a nova gestão e com aqueles professores que estivessem dispostos a resgatar o elo entre escola e comunidade. Inclusive fui auxiliar de pesquisa de campo no mestrado de minha esposa, quando aprendi muito sobre a história dessa comunidade. Ao assumir o cargo de professor de geografia e história, consegui levar muito do que aprendi na pesquisa para a sala de aula. Nesses tempos de professor, em três momentos ouvi dos pais e alunos que tipo/estilo de escola eles queriam, numa pesquisa que passei para os alunos fazerem com seus pais através de um pequeno formulário, depois com uma dinâmica em grupo, com os encontros do projeto Agrinho 2017⁴⁵ que organizei, bem como com a vinda de uma turma do professor Babi Fonteles, da UFC.

Figura 24 - Parte da programação entregue pelos acadêmicos que vieram com o professor Babi (como é popularmente conhecido o Prof. José Mendes Fonteles Filho).



Fonte: Documento recebido em meu E-mail pessoal.

O professor e a turma fizeram uma dinâmica na escola, no finalzinho desse mesmo ano, em que através de plenárias os grupos de alunos expressaram que tipo de escola desejavam. Um dos tópicos mais ressaltados foi o pedido de que as aulas e

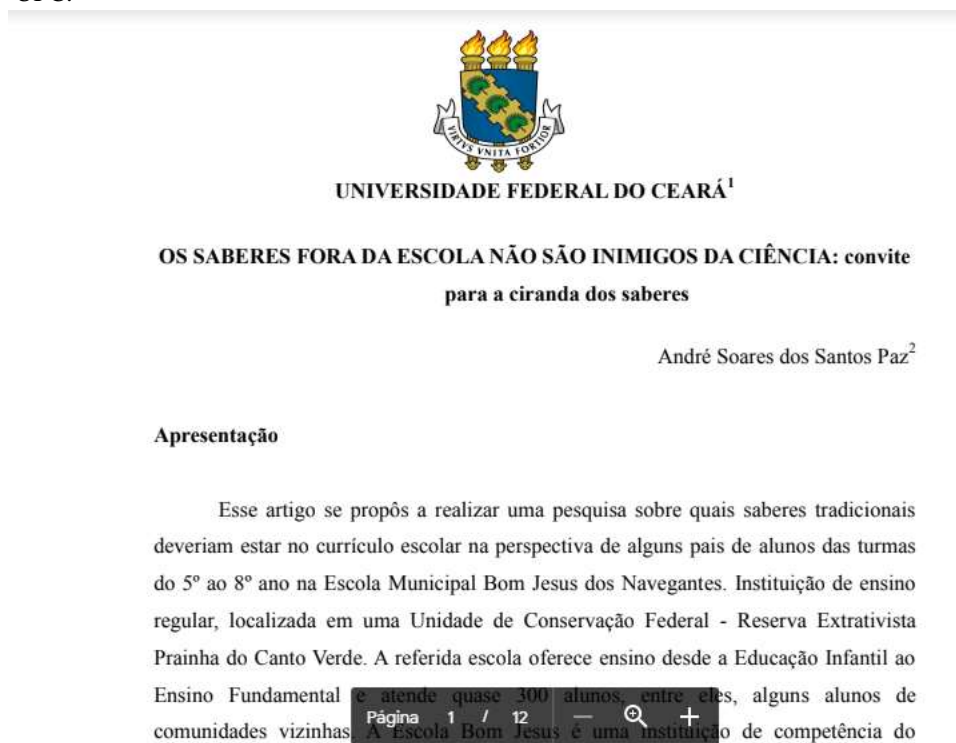
⁴⁵ No blog tem muitas imagens mais detalhadas, ver PAZ, 2017.

conteúdos fossem mais significativos, ou seja, que tivessem mais relação com a vida, os costumes e os saberes locais.

No ano seguinte, construí uma planilha que consta no anexo deste trabalho, onde eu relaciono conteúdo ou habilidade que poderia ser desenvolvida a partir de saberes, histórias, narrativas e ensinamentos locais, inclusive com uma coluna onde seria colocado o nome das pessoas da comunidade que poderiam levar aquele assunto para ser desenvolvido na sala de aula. Quanto mais estruturado pudesse ser esse planejamento, menos repetição teríamos, nos conhecidos eventos celebrativos da comunidade. Pois, ao que parecia, pela repetição das mesmas coisas para todas as turmas, aquele assunto ia ficando sem importância para as novas gerações.

Também contribui para esse discurso o fato que, dada a necessidade de escrita de um artigo na disciplina de Metodologia que eu cursava, tratei novamente do assunto, perguntando aos pais e responsáveis sobre o que eles achavam que deveria ser ensinado às nossas crianças entrevistando naquele momento alguns pais e lideranças da comunidade. Mais adiante, intento publicar esse artigo.

Figura 25 - Cabeçalho de um artigo que escrevi para a disciplina de metodologia na UFC.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

São pontos incontáveis que ressurgem, nascem e se transformam a cada dia. Pontos que me ligam à escola, à comunidade, à luta contra a especulação, à defesa do modo tradicional de vida, à proteção do meio ambiente que interage com o modo de vida da população, ao resgate da prática docente freiriana que já foi referência nessa escola, à possibilidade de transformar para melhorar a vida de crianças e jovens que passam pela escola, ao sonho de que a escola seja um centro de referência de tecnologia e desenvolvimento para a comunidade e região.

3. A ESCOLA QUE VEJO E CONHEÇO

Relatei como cheguei na escola e alguns detalhes do meu primeiro ano de docência. Retomo outros detalhes. Aconteceu a semana pedagógica e como sempre, os contratados não haviam sido chamados. Mas, nos últimos dois dias, o coordenador lançou o convite dizendo que eu poderia participar, mesmo embora a secretaria de educação não tivesse confirmado a contratação e sabermos que os jogos de poder na política sendo sempre muito dinâmicos, poderia haver alguma mudança no fato dos indicados serem mesmo contratados. Eu não senti nenhum receio, pois cria que toda discussão é uma oportunidade de crescimento para mim e uma construção para a comunidade. Soube que o coordenador havia passado o filme "Quando sinto que já sei"⁴⁶ aos professores efetivos, que eles haviam admirado as possibilidades. Contudo, no dia em que fomos discutir alguns pontos do PPP, do calendário e do currículo, todos ficaram calados sobre possíveis passos para seguir algo parecido, ou seja, sair da zona de conforto, das mesmas práticas docentes (sim, a bancária!). Entretanto, não era motivo pra desanimar, FREIRE (1996) diz que “nenhuma escola é totalmente reprodutora do status quo”. Havia esperança de, em passos lentos, conseguirmos retomar a empatia que a escola tinha com a vida da comunidade, com a transformação para o melhor, do futuro de cada criança.

O coordenador, o diretor e eu sempre ficávamos após o horário de aula conversando na frente da escola. Sonhávamos os mais altos feitos de transformação através da educação. Aos poucos o diretor foi se afastando do ideal que tínhamos em comum e se aproximando mais dos objetivos das avaliações externas que tanto eu e o coordenador criticávamos. Assim como eu, o diretor também não era da comunidade. Somos casados com nativas e por isso moramos no local. Aos poucos, o diretor foi se adequando ao padrão esperado pelo sistema vigente, focando em repetições através de simulados, focar todos os processos baseados nos critérios de avaliações externas. Mudou o PPP, deixando sua marca - "descriptor, descriptor, descriptor" – que me repetia e ainda hoje repete, como diretor em outra escola. Impossível negar sua habilidade em absorver tais princípios, desde a legislação à organização com que administrava tudo, sempre perfeccionista. Não é à toa que logo se tornou diretor da renomada escola da vila

⁴⁶ Este documentário é fácil de encontrá-lo no YouTube.

de onde veio e, atualmente, é presidente do FUNDEB municipal, cotado para ser o próximo presidente do Conselho Municipal de Educação.

Por sua vez, o coordenador (2017-2018) sempre foi muito paciente e solícito. A divergência na forma de ver o papel político da escola não causou nenhuma ruptura entre os dois. Do nosso lado, o grupo de lideranças que nos escolheu para tal missão começamos a perceber que não seria tão rápido ou fácil avançar na tarefa. Fora isso, lidávamos com outras forças: de um lado, aqueles que tendo saído da função de poder agiam com certa aspereza e obstrução a qualquer proposta que partisse da atual gestão. De outro, os que não se opunham, mas também não apoiavam e nem colaboravam com ideias quando se tratava de algo novo. Se fossem os projetos de sempre, havia certa harmonia e um mínimo de colaboração de todos. Também havia uma professora e uma auxiliar de limpeza que faziam parte da “Organização B” que é contra a RESEX, ou seja, qualquer proposta que falasse sobre o território, direito à terra e a uma educação voltada ao modo de vida da comunidade, que haveria algum tipo de resistência por parte de um grupo de pais que faziam parte dessa “Organização B”, que foi criada com o intuito justamente de se contrapor à RESEX.

Essa não é uma estratégia nova entre o grupo de especuladores, que nosso país precisa enfrentar. Brandão (2010, p. 105) elenca algumas dessas estratégias de “controle político (não raro policial e militar),” dos que se empenham sobretudo para que seu público-alvo compreenda e creia em suas ideias, ou seja, há uma “inculcação de ideias”. Eles se articulam para agir simultânea e continuamente em ações de bloqueio das expressões que lhes denunciem ou que emponderem as pessoas contra a alienação, buscando cooptar lideranças tradicionais da comunidade. É realmente incrível como as pessoas vão deixando essas estratégias fazerem parte de seus imaginários e de seus discursos. Uma verdadeira imposição ideológica.

A escola, ainda segundo Brandão (2010, p. 105), faz parte de uma série de estratégias para essa inculcação da ideologia que vai se sobrepondo a que, geralmente, comunidades de luta possuem, de solidariedade, de união, de coletividade, de proteção do meio ambiente, de diálogo, etc. Junto à escola, mobilizam-se “recursos, canais, meios, pessoas especializadas, grupos de controle, de propaganda (...)” Não se trata de uma continuidade e simultaneidade tão estampada assim, não é fácil desmascará-los, denunciá-los, tirar o véu de “legitimidade” que usam, pois esse poder ideológico não só reproduz o que a comunidade culturalmente gosta, mas também “inventa técnicas,

inova, amplia e testa sua estratégia. Ele absorve, esvazia e retraduz, invadindo domínios e formas de expressão cultural do povo” (BRANDÃO, 2010, p. 105).

Como vemos, a escola desde sempre foi uma ferramenta de inculcação de ideias e, quando ela é usada em conjunto com várias outras dessas ferramentas (elencadas acima)⁴⁷, ou mesmo todas elas, a velocidade da concretização do objetivo de quem é contra a RESEX acontece de forma espantosa.

Existem vários processos na justiça pautados por essa “Organização B” pedindo pra anular a RESEX. Há processos contra um dos ex-presidentes da Associação Velha (Associação dos Moradores da Prainha do Canto Verde), contra o ICMBio e seus agentes, entre outros. Essa “Organização B” tem um advogado, que "coincidentemente," sempre está ao lado de um empresário, o mesmo que moveu processos na justiça para se tornar proprietário de parte do território da RESEX.

Em julho de 2017, período de férias na escola, o empresário, junto com os integrantes da “Organização B”, três vereadores e o prefeito foram à escola dizer que a prefeitura havia assinado uma Parceria Público Privada com a rede Farias Brito, no qual esta teria quase todas as prerrogativas de poder sobre a escola, sobre os gestores - inclusive com uma cláusula que dava poderes de troca de gestão se a parte do Farias Brito assim achasse conveniente - e sobre o direcionamento pedagógico que a escola deveria tomar. Dias depois dessa visita, o dono do colégio publicou um artigo sobre o assunto em questão.

Podemos verificar que é possível a mesma intenção, o mesmo objetivo e diversas articulações do empresário para fazer esse processo de descredibilização da comunidade ou de iniciativas internas que não seja as capitaneadas por ele. Em seu artigo no jornal, se auto intitula o salvador de uma comunidade, que foi comparada com uma capital considerada a mais violenta do mundo na década de 80.

Essa ideia de comunidade violenta é conveniente para o empresário, por diversos fatores. Claramente, para os moradores não é a comunidade que é violenta, mas há alguns poucos moradores que são sim, vítimas da violência. PAIVA (2007, p. 13) relata essa realidade também no Bairro Bom Jardim em Fortaleza (CE).

Em relação aos códigos mediados pela representação da violência urbana, é importante observar que, como verifiquei no Bom Jardim, a participação dos moradores do Bairro em ações relacionadas à criminalidade violenta está, na

⁴⁷ Trarei mais a frente uma listagem de algumas dessas estratégias que consegui observar ou ouvir dos nativos em entrevistas ou conversas informais sobre como agem esses poderes de inculturação ideológico.

própria percepção local, **restrita, na maioria dos casos, a um número relativamente pequeno de pessoas.** Estas são sujeitos identificáveis, com envolvimento comprovado por inquéritos policiais no desenvolvimento e execução de ações criminosas no lugar ou em outros locais da Cidade (grifo meu).

No artigo do empresário no jornal O POVO, essa visão negativa e ao mesmo tempo paternalista, tuteladora e silenciadora da sujeição dos indivíduos, fica muito bem evidenciada.

Figura 26 - Artigo do empresário comparando a Prainha com a cidade mais violenta do mundo.

VERSÃO IMPRESSA

O pacto

01:50 | 16/03/2018
311 0

A cidade de Medellín, em seu pior ano, 1991, teve 380 homicídios por 100.000 habitantes, quase três vezes a média de San Salvador, hoje a mais violenta do mundo. Medellín emergiu longe e íntegro. Estada, universidades e empresas. Seus gestores passaram a se reunir periodicamente. Hoje, os homicídios caíram 90% e seis das 10 maiores empresas da Colômbia têm sede em Medellín, segundo a Revista Exame.

Federico Gutiérrez, atual prefeito de Medellín, ressaltou os programas funcionam independentemente do gestor ou do partido no comando. A integração entre empresas, universidades e Estado garante a continuidade de iniciativas como o programa das empresas que "apadrinham" escolas para reduzir a evasão, melhorar notas e contribuir para a formação de mão de obra qualificada.

Em congresso realizado sob iniciativa do prefeito Roberto Cláudio, o ex-Secretário de Segurança de Medellín Iván Sánchez mostrou como sua cidade venceu o jogo, e o também palestrante Silvio Meira lembrou que o governo deveria estender um tapete vermelho a quem deseja abrir um negócio, pois a abertura da empresa é um pedido para gerar empregos e enviar dinheiro às entidades públicas por meio de impostos. Mesmo assim, a burocracia por nós herdada da cultura ibérica age como se a companhia a ser criada objetivasse prejudicar o ente público.

O Ceará poderia dar mais um exemplo ao ser o primeiro estado do País a vencer a violência. Já temos sucesso em várias PPPs (parcerias público-privadas) municipais e estaduais, o que pode ser observado no entusiasmo dos moradores da Prainha do Casso Verde e do prefeito de Beberibe, Paulo Pedro, com a assinatura da PPP entre o Farias Brito e a Escola Municipal Ben Jesus dos Navegantes.

A experiência de Medellín poderia ser repetida no Ceará e no Brasil. Basta darmos as mãos e seguirmos o grande professor Gesnino Sales, quando diz: "Uma coisa é o que eu faço. Outra coisa é o que nós fazemos."

Tales de Sá Cavalcante tales@fariasbrito.com.br Rector da FB Uni e diretor-superintendente da Org. Educ. Farias Brito

TAGS

Fonte: Site Jornal O Povo

A

No artigo do empresário no jornal O POVO, essa visão negativa e ao mesmo tempo paternalista, tuteladora e silenciadora da sujeição dos indivíduos, fica muito bem evidenciada.

Figura 26 chamada de "O Pacto", onde ele se colocava como um messias da comunidade, comparando a parceria assinada com as soluções encontradas em Medellín, quando essa era a cidade mais perigosa do mundo e conseguiu sair desse maldito pódio através de parcerias com o setor privado, segundo ele.

Fizemos uma articulação para conseguirmos o direito de resposta, o qual foi escrito (veja **Figura 27** abaixo) a várias mãos e com uma árdua pressão para que o jornal o concedesse. O professor Idevaldo da Silva Bodião, ex-secretário de educação de Fortaleza em 2005, foi o principal defensor desse direito de resposta junto ao jornal. Porém, de última hora, algumas lideranças comunitárias publicaram no grupo (de WhatsApp com lideranças e parcerias) que não deveria haver essa resposta, porque

poderia aumentar a atenção dada à narrativa do tal "messias", dissuadidas de que usar a grande mídia nessa batalha de narrativas, seria uma disputa em vão. Alguns dos articuladores para a edição e direito à resposta não gostaram muito de como foi tomada a decisão, uma vez que toda a articulação havia sido feita de forma coletiva e consensual por parte de todos. Em minhas anotações de memórias desse período, conclui:

Sobre o direito de resposta ao jornal O POVO, por algumas vezes expressei que tinha certa apreensão não por ocasião da resposta em si. Na verdade, nem concordava muito que fosse cancelado a tentativa de responder. Meu receio era que na proposta da resposta, havia um consenso pela maioria, que, quem devia assinar o artigo de resposta seria os atuais gestores da escola. Para mim, o risco era o de que perdêssemos esse espaço, caso o poder executivo municipal achasse que o tal artigo fosse uma afronta ao convênio assinado pela prefeitura com muita empolgação e marketing, pois era um colégio "renomado" que se auto titulava como o melhor do nordeste por causa dos seus alunos egressos que estavam nos lugares de destaques nos vestibulares. Perder o espaço da gestão da escola àquela altura, onde o empresário já estava conseguindo entrar com todo poder, era uma perda enorme para a luta do território e tudo que representa a razão de ser de um território (DIÁRIO DE CAMPO, 23.10.2010).

Figura 27 - Arquivo de e-mail circulado entre lideranças e parceiros: Carta de resposta ao artigo do Tales no jornal O POVO.

Em artigo intitulado O Pacto (OPOVO, 16/03/18), empresário cearense enalteceu as parcerias público-privadas, apresentando-as, como ideal na solução da violência no Ceará. Foi além, disse que há "entusiasmo dos moradores da Prainha do Canto Verde e do prefeito de Beberibe, Padre Pedro, com a assinatura da PPP entre o Farias Brito [sua empresa] e a Escola Municipal Bom Jesus dos Navegantes." Mas isso não é o que temos percebido desde **quando circulou** que tinha sido feito, sem qualquer diálogo, um convênio envolvendo a nossa escola ("construída por mutirão").

Ficamos preocupados quando chegou na EMEFBJN, sem contato prévio, um pessoal, dizendo que estava ali a mando do referido empresário (move ação de usucapião sobre parte da **área territorial** da RESEX Prainha do Canto Verde) **para** executar serviço de pintura. Em 27/12/17, uma Comissão reuniu-se com o Prefeito que negou existir tal convênio. **Buscamos** apoio externo; reu não foi realizada na UFC para discutir a situação da Escola, com a presença de várias entidades e instituições públicas; Comitiva da FACED/UFC esteve com a secretária de Educação, Marta Cordeiro, que disse não saber sobre convênio entre a PMB e o Farias Brito.

O Conselho escolar da EEFBJN, bem como a Diretoria da Associação dos Moradores da Prainha do Canto Verde **protocolaram** pedido de informação na SME, que disse desconhecer a existência de tal convênio (OF, n.25/18-SME/GAB); com a versão acessada no site da PMB, de 9/01/18, **obtiveram** parecer da Coordenação do projeto de extensão *Ação Popular: instrumento de controle social de agentes públicos/FADIR-UFC*, que **concluiu** que o ato do Prefeito de assinar convênio **sem a** participação do Conselho Escolar violava a CF/88 e a LDB.

Em data recente, **ao ser recebida pela SME a** Comissão da Escola **ficou sabendo do cancelamento do citado convênio** e que, **em razão da assinatura de um novo convênio**, uma técnica, paga pelo empresário, atua na assessoria pedagógica na escola. Toda essa movimentação evidencia o oposto ao entusiasmo, é a resistência de uma comunidade que aprendeu a decifrar os interesses sobre a posse da terra e a gestão da Escola.

Fonte: Arquivo recebido em e-mail pessoal.

Segue adiante uma pequena descrição de uma anotação que fiz sobre a visita do prefeito, do empresário e dos integrantes da "Organização B" à escola:

3.1. ANOTAÇÕES QUE FIZ POR OCASIÃO DESTA VISITA

Prainha do Canto Verde, UC/BR-RESEX, 01 de dezembro de 2019 (17 H 29)

No início de 2017, após a posse do prefeito eleito no município de Beberibe, ao chegar na escola, nós professores nos deparamos com o próprio prefeito na escola acompanhado pelo empresário que ainda tenta ganhar a posse da terra na justiça e meia dúzia de integrantes da associação que é contra a RESEX. Era a triste notícia que a prefeitura entregara a gestão da escola à instituição Farias Brito, colégio particular pertencente ao mesmo empresário que possui o pedido de reconhecimento da usucapião dentro da RESEX, ou seja, que quer a posse da terra. Eles vieram dizer que estavam assinando uma Parceria Público Privada, a tal PPP já conhecida no sudeste brasileiro. No momento da notícia, somente uma professora se manifestou a favor de tal projeto e o diretor, coordenador e outro professor de manifestaram contra, mas esses foram chacoteados e humilhados tanto pelo empresário quanto pelo prefeito que disse que o empresário só queria ajudar a escola e que “até a Madre Tereza de Calcutá quando ia fazer o bem era criticada, mas depois as pessoas percebiam que ela só queria fazer o bem”. O empresário aproveitou a deixa e finalizou dizendo que após o PPP estar em vigor, seria proibido de falar em conflitos dentro da escola e seria colocado uma bandeira branca na entrada da escola.

No dia seguinte, o referido empresário escreve um artigo no jornal O POVO dizendo que assim como Medellín, a cidade mais perigosa do mundo na década de 80 no México conseguiu vencer a violência quando os empresários passaram a ajudar, os nativos da Prainha agora festejavam a parceria PPP que agora salvaria a comunidade da violência e da educação “de má” qualidade.

Como resposta a tal tentativa explícita de colonização da escola, a comunidade se articulou com a ajuda de professores da Universidade Federal do Ceará, Instituto Terramar, professores da Universidade Estadual do Ceará, Universidade Federal do Cariri, UNILAB, entre outras, além da escola e da Associação da RESEX Batoque e fizemos o I Seminário Estadual de Educação em Reservas Extrativistas do Ceará.

Mas o seminário não freou por completo a tal colonização, a primeira atitude desse PPP foi enviar uma funcionária que acompanharia a educação infantil. Após um ano de “espionagem” dessa funcionária que não apresentou nenhum relatório com seus resultados, além das turmas que eram na época do ensino infantil, hoje são as que tem mais dificuldade em leitura.

No início de 2019, já com outra gestão na direção e coordenação da escola, uma equipe de pessoas que não identificaram que instituição representavam começou a vir na escola dizendo que eram contratados pela prefeitura, mas sem apresentar qualquer documentação, crachá ou identificação de instituição ou relação com o município. Porém, como sempre vinham com funcionários da prefeitura que sempre estavam presentes, a gestão da escola não teve objeções sobre a presença dessas pessoas no espaço escolar.

Questionei se eles tinham alguma autorização para estarem ali falando em mudanças dos processos educacionais e pedagógicos da escola e mesmo porque a coordenação da escola deixava essas pessoas reunirem os professores se não havia nenhum documento para isso. Negaram veementemente que fossem parte do PPP com o Colégio Farias Brito. Uma das pessoas disse que era advogado e colocou a carteira da OAB na mesa (possivelmente como uma forma de intimidar). Mas ao abrirem “suas propostas de intervenção na escola” o primeiro símbolo que vemos em seus documentos é a logo do Farias Brito. Nos recusamos (André e Dedé) a participar da reunião com eles já que

não tinham nenhuma autorização por escrito além de deixarem claro que estavam mentindo sobre serem enviados do referido colégio.

Algumas semanas depois, foi o próprio secretário de educação que foi até nós na escola. Sua primeira afirmação foi que a escola não cumpria sua finalidade na comunidade e ainda assim estava dificultando uma ajuda externa. Reconheceu que apesar de aquela “assessoria” “não ter vínculo” com o Farias Brito, os papéis e impressões para a tal “assessoria” seriam patrocinados pelo colégio.

Dessa vez questionei a afirmação do próprio secretário, dizendo que ele estava desclassificando o trabalho e o profissionalismo de todos os professores da escola. Então o secretário deixou a assessoria para um outro momento, mesmo com o tal advogado misterioso que dizia não ter nada a ver com o Farias Brito insistindo para intervir pelo menos no 2º ano que era a turma que passaria pela prova externa.

Percebo que muitos dos temas sobre a vida comunitária ainda são tratados na escola, porém de forma mais tímida e as vezes dá uma sensação que é um mero cumprimento de tabela, pois aquelas preparações e planejamentos robustos, com antecedência e com criatividade foram ficando para trás. Alguns dizem que antes tinha verba para adquirir material ou que as exigências curriculares são mais engessadas e há uma pressão focada em resultados pontuais, além de que muitos professores reclamam de não terem a mesma valorização que tinham antes diante da comunidade que antes reconheciam o trabalho e davam irrestrito apoio a todos os projetos.

3.2. Temos a parceria da FACED-UFC e outras universidades públicas.

As vindas das turmas da UFC causaram diversas reações, ou melhor, diversas impressões. Entre os alunos da escola há unanimidade, todos adoram. Sair da sala, falar o que pensa sem precisar prestar atenção em enunciados, sem precisar reler um texto, sem precisar “adivinhar” o contexto em que o texto foi escrito, pois tudo está ali diante de seus olhos: o contexto, as expressões faciais e corporais, o momento histórico, o espaço onde ocorre aquela história em que ele mesmo é personagem e sente-se sujeito, ao falar, mais do que sujeito, sente-se protagonista, capricha na fala, outros capricham nas gracinhas, nas piadas, mas basta falar seu nome que entende que o contexto em questão é de se levar a sério, muito embora o clima ambientalizado seja de leveza, de informalidade e certa segurança em falar o que pensa diante das perguntas e provocações trazidas pelos acadêmicos. Alguns professores gostam também, porque reconhecem a falta de tempo de pesquisar aulas mais dinâmicas para os alunos, alegram-se em ver seus alunos se expressando, causando espanto e admiração nos visitantes. Porém, há ainda os que não concordam muito com essas visitas, uns porque acham que só ocorre a aula quando se há a exposição de conteúdos e de preferência de forma transmissiva, embora, por vezes são os mesmos que maculam a “sacralidade” do silêncio e da seriedade que tanto veneram, com suas piadas e histórias costumeiramente

de deboche de alguém ou se auto gabando. Há os professores que acham que a universidade poderia contribuir muito, desde que tais visitas fossem comunicadas com os professores e ouvido deles alguma sugestão ou partilha dos temas que estão trabalhando naquela semana, ou mesmo que seria trabalhada nos dias que seguem. Esses alegam, por exemplo que já ocorreram visitas em semana de avaliações, o que dificultou reorganizar a agenda da escola, já que são várias turmas atendidas pelas visitas dos acadêmicos. Os alunos passam meses admirados de produtos que fizeram nas aulas ministradas pelos visitantes, porém nenhum dos produtos se relacionou com os assuntos ou conteúdos daquela turma. Creio eu que se a lógica das visitas fosse anunciada aos professores e a gestão da escola aumentasse o diálogo em torno do planejamento das visitas, com certeza esses questionamentos diminuiriam, pois, entenderão o objetivo das metodologias e perceberão a relevância das mesmas.

As parcerias com as universidades públicas são de longa data tanto com a comunidade quanto com a escola especificamente. Mas a primeira visita que presenciei foi a vinda da turma da professora Ângela Linhares em 2016, na disciplina de Didática que envolvia vários cursos, entre eles letras, artes, educação física e sociologia.

Com o então 8º ano da escola (2016), foi feito um bate papo sobre suas aspirações para o futuro, as profissões que desejariam exercer na idade adulta. Podemos ver na **Figura 23** a representação através de desenhos, dessas aspirações que foram debatidas antes.

Muitas reflexões são possíveis sobre essa prática do desenho, sobre a reflexão de qual profissão cada um deseja seguir. Mas por hora, posso dizer que alguns poucos continuam focados na mesma aspiração, outros casaram-se muito jovens, uns desistiram de estudar por não se desenvolverem, outras por ter engravidado. Tem ainda quem buscou o caminho do comércio ilegal de entorpecentes e já até saíram da comunidade por questões de ameaça ou mandado de prisão. Dessa mesma turma apenas uma moça está na faculdade e ela não é do grupo a favor da RESEX. Infelizmente, o movimento da comunidade (as poucas pessoas que sempre estão tentando mantê-lo vivo, trazendo projetos inovadores para o desenvolvimento de toda a comunidade) não está conseguindo promover alternativas para que os jovens possam se planejar a longo prazo, se projetar para o futuro. Como podemos ver em ALMEIDA (2014).

O processo **educativo** vivenciado pelos moradores de Canto Verde faz parte de uma experiência rica em **possibilidades** de instrumentalização pedagógica, presente no cotidiano seja pelos **conflitos que geram e sugerem novas dinâmicas** de enfrentamento ou **pelos processos de convivência no**

coletivo. São muitas as situações que tomam outras formas e exigem novas estratégias de superação, entre elas, a de não perderem os vínculos com suas raízes e de **garantirem o ingresso de jovens na profissão de pescadores** (p. 93, grifos meu).

Uma das imagens é o desenho de um capoeirista. Quando viemos em 2016, entre os alunos do 9º ano tinham aqueles que gingavam capoeira, tenho ainda um vídeo onde dois rapazes e uma moça mostram grande habilidade com essa arte marcial. Isso me deixou empolgado, pois o esporte é uma porta para a autoestima forte e diversos outros aprendizados, além, é claro, da possibilidade de poderem competir em outros espaços.

No ano seguinte comecei a dar aula na escola e também percebi outros alunos que gostavam muito de dar saltos, também tenho vídeos além de fotos. Pensei que encontraria uma forma de incentivá-los, contudo não consegui. Houve uma oportunidade festiva na comunidade em que eu os convidei, mas eles ficaram com timidez e não quiseram ir. Eles tiravam saltos nos mais variados lugares (dunas, na porta da casa deles, na escola, no pátio...) e comecei a registrar tais acrobacias. Na **Figura 28** vemos alguns desses registros. Ainda tentei incluir os saltos como uma modalidade dentro das gincanas da escola, mas não foi muito aceito, até porque não sabíamos os riscos e cuidados necessários para incentivar esse esporte na escola.

Figura 28 - Alunos gostavam de brincar de salto na grama da escola.

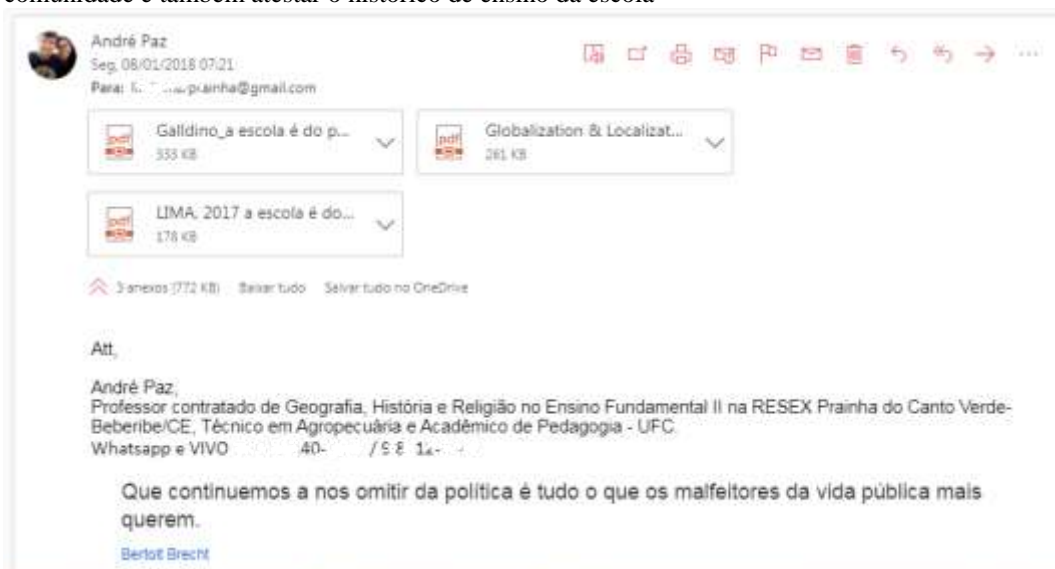


Fonte: Arquivo pessoal

3.3. Cordéis Instituintes do Professor Dedé

- Tem nome de parceria, mas é colonização;
- Guardiões da Memória;
- Um dedo de prosa sobre a RESEX;
- Temos que valorizar, aquilo que a gente tem.

Figura 29 – E-mail com trechos de pesquisas para comprovar que o prédio da escola pertence a comunidade e também atestar o histórico de ensino da escola



Fonte: E-mail encaminhado para lideranças.

Figura 30 - Página introdutória do diário de bordo criado por André Paz e Haiani L. de Souza Mendes, ambos de uma das turmas do professor Babi (como é popularmente conhecido o Prof. José Mendes Fonteles Filho) na disciplina de Educação Popular.

DIÁRIO DE BORDO DE UM TRIPULANTE RUMO AO MUNDO NOVO

A cidade do Refúgio é uma bela cidade! Também é conhecida, admirada e frequentada por muitos. Devido seus atrativos culturais e naturais, Refúgio se tornou um alvo de interesses. Seus habitantes apresentavam suas riquezas com orgulho e inocência, acreditando nas boas intenções e conversas de seus influentes visitantes. Mas nem todos pensavam assim, muitos percebiam o interesse e segundas intenções dos turistas influentes e tentavam abrir os olhos do restante da população de Refúgio.

Um grupo desses inconformados se reunia constantemente com o sábio capitão Sócrates, um marinheiro experiente que conhecia muitas outras cidades e culturas diferentes, para refletir e comentar a situação atual de sua cidade. Após descobrirem o plano de dominação do imperador Presuns, espalhar o vírus *oppressio*, o capitão Sócrates e seus amigos/companheiros decidem realizar uma missão: disseminar a busca pela verdade para o alcance da cura. Alçados com seus objetivos e anseios, o grupo de inconformados decide iniciar sua missão levando sua mensagem para seus vizinhos próximos e longínquos, adentrando o grande mar

Fonte: Arquivo pessoal.

Nos diários, as pedagogias freiriananas sempre estavam presentes. Nesse segundo, a importância da conscientização, da superação de uma inocência que não percebe a malícia, uma inocência que se esconde no descaso da ignorância e na falácia da neutralidade ou da bondade daqueles que se mascaram de “homens de bem”, se escondendo atrás de ações pontuais de caridade televisiva ou de uma religiosidade hipócrita. Era a fórmula *Freirian*. Hoje não tenho dúvidas, que não só do vírus *opressiun* ela nos salvaria, mas essa fórmula com certeza diminuiria os impactos e mortes do vírus *Corona* que já matou mais de 550 mil brasileiros até hoje (21.08.2021).

Figura 31 - Minhas anotações sobre a escola no primeiro ano de trabalho (2017).

Escola Bar Jesus

- Expectativas dos alunos
 - Projeto Beber e não beber.
 - Livros FB
 - Reuniões por sala / par. (Etnicidade??)
 - Cultura organizacional (Plano de carreira)
 - ↳ Projeto / comunidade / ações / Salário (i.e.)
 - Valorização da história dos professores. (i.e.)
 - Aluno monitor. (i.e.)
 - Rapsódica na escola. (Alague) (i.e.)
 - Conselho forte e pais amigos.
 - ↳ Agrinho
 - Convide os pais sempre e periodicamente.
-
- O que leva os pais p/ escola?
 - ↳ teste
 - ↳ corte cabelo
 - ↳ em Belezonarte
-
- Principais personalidades da comunidade.
 - ↳ Professores na comunidade.
 - ↳ Trabalhos voluntários.

Fonte: Arquivo pessoal.

Como professor, me sinto um pouco artista, um pouco engenheiro, um pouco especialista em logística, em design, de diretor e cineasta entre outras profissões. As

ideias vêm como *insights* e precisam ser registradas e, conforme o tempo permite (ou não), vamos dando formas, fluxos, nomes, fases, objetivos mais claros.

Uma outra narrativa resulta de um sujeito (situado) que escolhe fragmentos do cotidiano, os edita, os arranja, os narra de certo lugar, movido por certos desejos ou motivos, para produzir certo efeito de sentido, numa certa experiência de linguagem, com certos recursos etc. O poder (se há algum) está com o sujeito. Antes de tudo, fazer um diário de campo é instalar-se numa prática concreta, de escrita, para pensar a si mesmo e se experimentar como sujeito da escrita (FARIA e SILVA, 2011. p. ix)

Entretanto tenho em mente que só consigo avançar quando vou encontrando alunos que embarcam nas ideias, as complementam, as mudam. Também vou ouvindo lideranças comunitárias sobre a importância de uma escola viva⁴⁸, ouvindo professoras e professores na academia que nos inspiram a ousar⁴⁹ e, assim, rabiscos como esses vão se transformando em projetos, não projetos impecáveis no papel, que só o tempo de construção dele por escrito já tomaria todo o tempo que “roubamos” das aulas conteudistas, mas projetos vivos, em que os objetivos se mutam sem jamais deixar de serem relevantes. E devem mutar, visto que, na escolha monocrática de qual seria o objetivo, já há a exclusão dos sujeitos da construção/vivência de tal projeto. E com a mutação dos objetivos ou leitura desses ao final do projeto, fica claro que toda vivência construtiva, coletiva, criativa, artística tem uma infinidade de objetivos, que sequer imagináramos alcançá-los se fôssemos nós, os professores, a escolhê-los.

⁴⁸ Na disciplina de Pesquisa Educacional fiz uma pesquisa com vários responsáveis de alunos e constatei esse anseio da comunidade de ter uma educação diferenciada.

⁴⁹ Eu poderia nomeá-los e elencar as tantas motivações que me deram, não só a mim, mas toda a comunidade, mas seria um livro ainda maior que esse trabalho. Então, ficará para um próximo trabalho.

Figura 32 - E-mail compartilhado no 1º bimestre de 2017, entre Márcia, Prof. Dedé e eu.

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL BOM JESUS DOS NAVEGANTES		
RESERVA EXTRATIVISTA PRAINHA DO CANTO VERDE – BEBERIBE – CEARÁ		
Semana do Meio Ambiente – 2017		
01/06 (quinta-feira)		
Horário	Atividade	Responsáveis
7h às 9h	Estudo em sala de aula de temas relativos ao Meio Ambiente.	Professores.
9:30h às 11h	Abertura oficial da Programação (no pátio); Lançamento do “Desafio Coleta e Destinação do Lixo da Comunidade”.	Núcleo Gestor
13h às 17h	Estudo em sala de aula de temas relativos ao Meio Ambiente.	Professores.
02/06 (sexta-feira)		
7h às 9h	Estudo de temas relativos ao Meio Ambiente em sala de aula. Arborização da Escola.	Professores. Núcleo Gestor e Professores.
9:30h às 10h	Atividade relâmpago no pátio.	Núcleo Gestor.
10h às 11h	Estudo em sala de aula de temas relativos ao Meio Ambiente.	Professores.
13h às 15h	Estudo em sala de aula de temas relativos ao Meio Ambiente.	Professores.
15:30h às 16h	Atividade relâmpago no pátio.	Núcleo Gestor.
16h às 17h	Arborização da escola.	Núcleo Gestor e Professores.
03/06 (sábado)		
7:30h	Caminhada Ecológica (saída da praia e ir até à Lagoa do Córrego do Sal).	Secretaria de Esporte e Juventude da Prefeitura de Beberibe.
05/06 (segunda-feira)¹		
7h às 9h	Momentos de estudo sobre o tema: Reserva Extrativista Prainha do Canto Verde.	Professores.

Fonte: Arquivo recebido em e-mail.

Acima vemos o trecho do planejamento que fizemos da semana do meio ambiente por ocasião de um possível “Lançamento de um Projeto Beberibe Meu Canto Verde” motivado pela prefeitura. O Projeto Beberibe Meu Canto Verde, possivelmente foi uma tentativa mascarada e camuflada do empresário de se aproximar da escola através da prefeitura, mas ainda sem se revelar como financiador do que fosse preciso.

Figura 33 - E-mail circulado entre lideranças comunitárias para construir o abaixo-assinado. Jan.2018.

ABAIXO ASSINADO DOS PAIS E RESPNSÁVEIS DE ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL BOM JESUS DOS NAVEGANTES – RESERVA EXTRTIVISTA DA PRAINHA DO CANTO VERDE.

Reserva Extrativista da Prainha do Canto Verde, 25/Janeiro/2018.

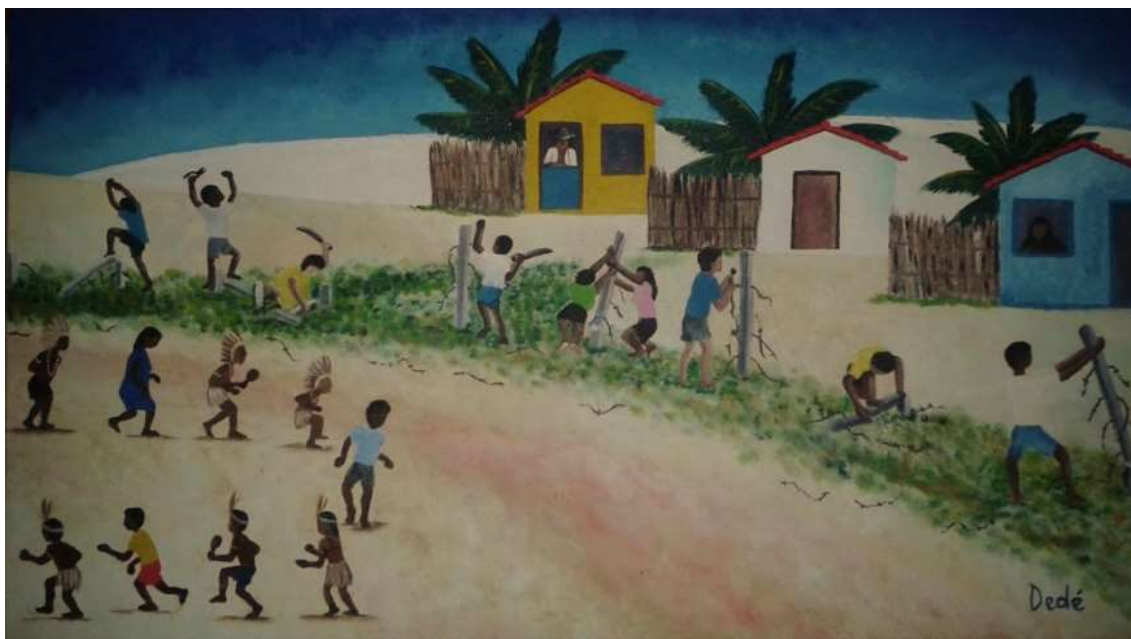
Sr. Prefeito de Beberibe e demais setores responsáveis pela educação neste município, nós, pais e responsáveis de alunos da Escola Municipal Bom Jesus dos Navegantes da Reserva Extrativista da Prainha do Canto Verde – Beberibe – Ceará, que assinamos abaixo, reconhecemos o modelo de educação praticado na Escola Bom Jesus dos Navegantes ao longo destes 20 anos o modelo ideal para nossos filhos, pois considera nossos filhos como sujeitos do processo valorizando os saberes tradicionais, culturais e seu modo de vida, reconhece e valoriza a nossa história e trabalha nossos filhos para enfrentar os desafios deste tempo. Além disso, foi o modelo construído por nós (pais, professores e conselho de educação) de forma participativa, transparente e democrática. Portanto, não concordamos e nem aceitamos: A) qualquer reformulação desta proposta, ou seja, qualquer modificação na forma de ensinar nossos filhos que não seja construída de forma participativa, democrática e com uma ampla participação dos pais e dos professores; B) qualquer modelo que não leve em consideração nossas peculiaridades, cultura, conhecimento tradicionais e modo de vida.

Nome	Assinatura;

Fonte: Arquivo recebido em lista de E-mail's.

Esse abaixo-assinado foi recusado por alguns professores que já foram da luta em defesa do território e os possíveis motivos para não assinarem é que "não acreditam mais na unidade da comunidade, não acham que a luta valeu a pena" e mais precisamente porque haviam saído dos cargos de poder da escola e qualquer iniciativa realizada junto com a gestão de então, seria uma iniciativa que eles se negariam a participar. Inclusive um desses, chegou a deixar claro no seminário que não compreendia bem o significado de democracia ou por não ter afinidade com ela quando se tratava de tirar seu "poder absoluto" sobre a escola.

Figura 34 - Quadro pintado pelo artista, pintor, cordelista, professor Dedé.



Fonte: Arquivo pessoal.

Momento icônico da história da comunidade, onde é possível ver, poder de resistência, união, articulação com parceiros para qualquer frente de ação que represente ato de resistência e resiliência perante a colonização que nos ameaça constante e violentamente. Na pintura é possível ver os índios Jenipapo-Kanindé que se faziam presentes em um evento de análise da conjuntura dos avanços do poder especulador não só na Prainha, mas em várias comunidades do Ceará.

O quadro desate é um trabalho que eu faço para marcar um momento que eu considero de grande importância para a nossa comunidade. Que é o momento que a comunidade se mobiliza, se organiza e derruba a cerca que a imobiliária Henrique Jorge havia colocado no entorno da comunidade. Então essa palavra desate, ela dá uma intenção de desfazer um nó. (...) pra nós a cerca... nós nos sentíamos como que presos por causa da cerca né? E ao derrubar nós estávamos ali desatando esse nó (7º ANO, 2019. Professor Dedé em entrevista para um trabalho em grupo na disciplina de Língua Portuguesa com o professor André Paz).

O quadro foi levado para ser usado em aulas na escola por 3 ou 4 ocasiões. Uma foi para aula de artes (6º ano), transposição de desenhos em outra escala, outra em aulas de geografia (7º ano) para trabalhar sobre escalas em mapas⁵⁰ e outra para um evento de cultura e produção artística num evento que fiz chamado ExpoArt BJJ em 2019.

⁵⁰ Junto a esse quadro quadriculado levei mapas dos estados e mapa do território (terra-mar) da RESEX. Os alunos gostaram de fazer a transição de escala.

Também emprestei ele (o quadro foi adquirido por minha esposa em um evento por ocasião do aniversário da posse da terra em 2015).

Figura 35 - Quadriculamento do quadro DESATE para ser trabalhado na aula de geografia (questão de escala) e artes.



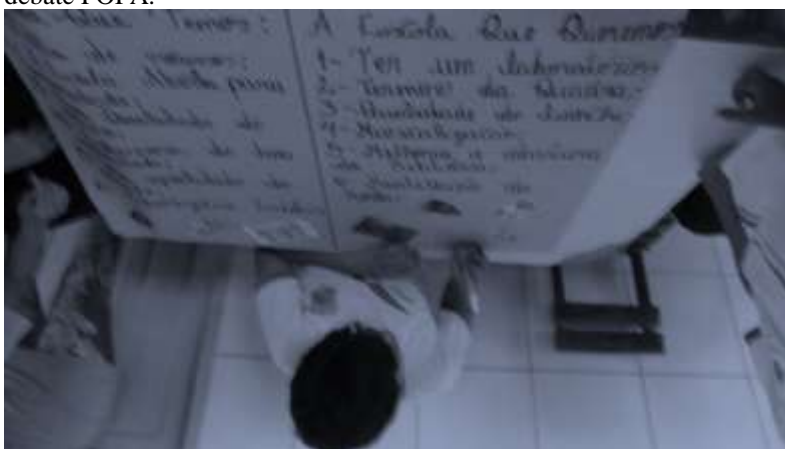
Fonte: Arquivo pessoal.

Importante observar que a arte na comunidade ainda continua sendo produzida, seja na escola, seja em outros espaços, porém a celebração dessa arte já não se faz como outrora. As músicas do início da luta eram cantadas em vários eventos e tem duas que chegam a ser consideradas hinos da comunidade, mas na escola são pouquíssimos alunos que a reconhecem. Cheguei a sugerir reiteradas vezes que antes dos hinos “obrigatórios” que a escola canta, pudesse ser cantado esse hino da história de luta da comunidade. Também há uma produção intensa de trabalhos de alunos, mas que não tendo uma valorização da comunidade e nem mesmo na própria escola.

Os gêneros devem ser os princípios que sustentam o trabalho escolar, afinal, não há como trabalhar com a linguagem sem os gêneros, uma vez que ela ocorre por meio deles. Infelizmente, há, ainda, muitas escolas que trabalham com os gêneros na sala de aula, simplesmente, porque eles constam nos guias curriculares, mas não são explorados como deveriam, ignoram que fazem relação com as práticas sociais, por isso, não há como fazer um trabalho eficiente, visto que o professor não trabalha considerando os aspectos que estão fora do contexto escolar, ou seja, trazendo estes fatores para o universo da escola. (SEGATE, 2010. p. 23).

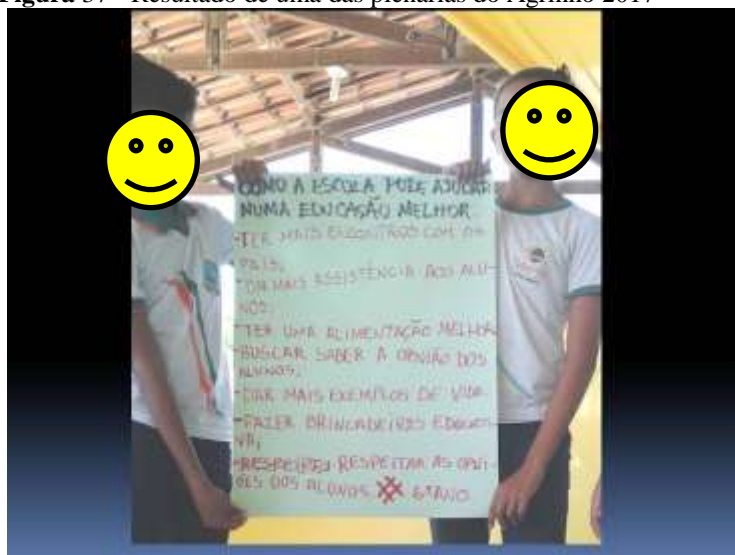
A fala de Segate (2010) que vimos acima, reforçam as diversas constatações desse desejo da comunidade de ter uma educação diferenciada: na pesquisa que realizei⁵¹ na disciplina de Pesquisa Educacional, na pesquisa realizada antes e durante o Projeto Agrinho⁵², o resultado da ferramenta FOFA realizada pela turma do professor Babi no final de 2017, também serve de fundamentação para a planilha⁵³ que construí ouvindo lideranças, sobretudo o Mestre Beto Pescador. Junto com o professor Dedé, temos um artigo encaminhado também sobre os assuntos e conteúdo que existem na comunidade e servem de matéria prima para a escola nas diversas matérias escolares e também em projetos.

Figura 36 - Alunos fazendo cartaz para apresentarem os resultados do debate FOFA.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 37 - Resultado de uma das plenárias do Agrinho 2017



Fonte: Blog pessoal (PAZ, 2017)

⁵¹ Ver nota de rodapé nº 39

⁵² Ver em PAZ, 2017

⁵³ Eu falo um pouco sobre essa planilha na penúltima página do tópico “Os ventos me trouxeram para a RESEX”.

Figura 38 - Trecho de reflexões realizadas pelo professor Bodião, ex-secretário de educação de Fortaleza, por ocasião da Semana pedagógica no início de 2018.

Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental Bom Jesus dos Navegantes
Reserva Extrativista da Prainha do Canto Verde/Beberibe/Ceará
Planejamento de 2018

1. O que é educação ou para que serve a educação?

Educação no sentido amplo e educação escolar

Para que serve a educação? Como se prepara o pescador, para sê-lo?

Nem sempre tivemos escola

Nem sempre a escola foi assim

Nem sempre se formaram os professores como o fazemos hoje

2. Escola pública e escola particular

Quem frequenta a escola pública, hoje?

Quem frequenta a escola particular, hoje?

Quem frequentava a escola pública há 60/70 anos atrás?

A democratização do acesso à escola e a perda de "certa" qualidade

3. O que é "moderno" em educação?

A história do viajante no tempo

Quais as diferenças de um texto da internet e um texto impresso?

Quais as diferenças de uma aula expositiva presencial e outra virtual?

Moderno: o conteúdo e a forma.

Moderno, pedagogicamente falando, é o diálogo!

4. Educação, um ato político, sempre

Educação como redenção da sociedade

Educação como reprodução da sociedade

Educação como transformação da sociedade

Fonte: Arquivo pessoal. Material disponibilizado pelo professor Bodião.

As reflexões eram ótimas, o professor Bodião se propôs não só oferecer algum auxílio para a escola na semana pedagógica, mas permanecer nos acompanhando e, diferente do FB, tudo já havia passado pelo conselho de pais e com anuência da prefeitura. O professor chegou a nos entregar um caderninho para anotarmos nossas práticas, dúvidas, descobertas, desejos pedagógicos, entre outros. Infelizmente **ALGUNS**⁵⁴ professores⁵⁵ agiram de maneira apática diante das proposições do professor e o acompanhamento não ocorreu, da mesma forma que a extensão. Que também era algo me deixou bem esperançoso naquele momento, mas hoje, minha escrita⁵⁶ me faz crer que de alguma forma, outras possibilidades podem acontecer em nossa luta por uma educação contextualizada.

⁵⁴ Confesso que já me políciei muito para que minha intensa implicação não resultasse de certas provocações verdadeiras para com quem se apropriou da escola como se ela lhe fosse um puxadinho de outros púlpitos, mas sei que esses podem usar o discurso para incendiar outros dizendo que generalizei, por isso o destaque na palavra alguns.

⁵⁵ Professores ligados ao grupo da gestão que havia sido retirada com a eleição do Padre Pedro. Esse mesmo grupo retornou ao poder na escola. Embora não completamente, o que ainda causa atitudes de apatias a iniciativas de quem eles julgam culpados por não permanecerem no poder quem gostariam que estivesse.

⁵⁶ É uma escrita rizoma! Portanto, uma escrita resistência e não sobre a resistência. (SILVA e FEUERWERKER, 2019, p.340)

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU PÍLULAS INSTITUINTES PARA DISCUSSÕES FUTURAS

No transitar desse trabalho foi possível perceber a principal força que atua é a que “se faz de neutra”, enquanto na verdade, atua como contra instituintes, atua de forma a neutralizar as forças instituintes. É importante ter em mente que os grupos que hoje são instituintes, já foram os instituídos e de alguma forma foram dissolvidos ou voltaram a ser instituintes, mas

Quando um conjunto instituinte cumpriu todos os seus objetivos, ou quando constata que não está mais conseguindo isso com a "identidade" que se deu, deve ser capaz de autodissolver-se para não se perpetuar como uma finalidade em si mesma (BAREMBLITT, 2002. p.74).

Essa é uma provocação para o *modus operandi* do movimento comunitário da comunidade. Não para autodissolver-se por completo, mas sim para se repensar “com a ‘identidade’” que deu sua origem.

Da mesma forma que as forças que hoje são as instituídas, talvez não pelos mesmos sujeitos, já foram forças instituintes. Após essa inversão do papel da escola, de emancipadora para repressora, também o lado dessas forças se inverteu, e as forças que outrora eram instituídas. No entanto, não se pode, de maneira nenhuma, esquecer que a matriz dessa leitura é a Análise Institucional, que não entende a instituição como uma única força, nem tão pouco que essas forças internas e externas sejam estáticas.

Foram apresentados vários movimentos de mudanças e discutidos a partir de teóricos sobre esses movimentos internos e externos à escola, que refletem na atuação político-pedagógica da escola, contudo devagar no próprio PPP e na prática, um pouco mais abrupto. Porém, também trago algumas construções que foram, juntas, interagindo ou independentes, contribuindo para que a escola se afastasse dessa relação com a comunidade.

Outras desconstruções também foram apresentadas e nos apontam que precisam ser resgatadas. Talvez não mais nos mesmos moldes, todavia com as mesmas intenções. Manter as relações e a confiança entre os moradores é com certeza a principal destas intenções.

Quanto à produção de subjetividades, faltou muitos elementos que pudessem dar mais pistas e possibilitar mais análises, por isso acabei por retirar do título o termo deixar apenas “das forças em disputa”. Porque assim pude analisar mais as ações focais

e seus desdobramentos, do que necessariamente “a origem das causas”. Pois, ainda que em muitos eventos sejam possíveis identificar uma causa, nesse campo de produção de subjetividades não existe uma causa única. Por isso a metáfora do rizoma.

Para conseguir analisar essas forças que se tensionam e que direcionam a educação escolar na escola Bom Jesus dos Navegantes, foi necessário que trouxéssemos o histórico da origem e do processo de institucionalização da escola, bem como o contexto em que esse processo ocorreu. Constatei que, infelizmente, em alguns discursos, é mais fácil se recorrer à ideia de neutralidade, supostamente hegemônica e que, portanto, daria uma ideia de “força comum”, de consenso, de apoio de todos ou a maioria, ou de estar no lado “mais forte”, de uma segurança maior, e, por isso, aparentemente, a maioria dos educadores acaba não querendo “nadar contra a correnteza”.

A metodologia que utilizamos nos exigiu muito estudo e muitas pesquisas, muitas escritas e reescritas. Foi bem complexa para mim, já que tentei sair dos moldes comuns da academia, ou seja, não tratei os capítulos como gêneros textuais, cuja intencionalidade, estrutura e exigência são específicas em certas metodologias científicas mais usuais e sim como ciência que se busca ser com esta escrita, recorremos aos aportes teóricos no tratamento de materiais documentais, incluindo meu próprio diário de campo, fotos e e-mails, entre outros documentos.

Mesmo que eu tenha me omitido nas buscas por ramificações outras que planejava analisar, no momento foi possível somente este recorte. Todavia, desejo ainda, em outros possíveis trabalhos vindouros, retomar os fios que, bem sei, ficaram perdidos ou os que nem sei ainda, que só descobrirei depois de algum tempo distanciado deste texto. Como esse trabalho perpassa pelas tensões entre forças e micropoderes, sempre fica essa sensação de incompletude. Contudo, creio que trouxe reflexões importantes, sobretudo para instigar na comunidade, na escola e na própria academia, a reflexão sobre esse vértice não muito explorado, que é o impacto que a ideia de neutralidade ocasiona no debate político emancipatório.

Outras pesquisas poderiam colaborar com esse debate, sobretudo ao se debruçarem em um dos aspectos que hoje é mais latente, que é a lógica dos discursos de quem vende terra, dos discursos da visão religiosa que atacam a ideia de haver ideologia em tudo, e também a do peso dos discursos que satanizam a relação da religião com o empoderamento dos pobres. Ouvi de uma colega que a discussão sobre ideologia é um caminho árduo e exigente nas epistemologias das ciências humanas, e que “se fugirmos

do que é árduo para buscar um caminho confortável, fogueira pior teremos que enfrentar com as consequências de nossa omissão”.

Um pequeno passo foi dado em relação à minha intenção de intervenção, no sentido de reforçar os laços entre escola, comunidade e movimento popular, a busca pela construção de uma especialização, sobretudo para os licenciandos que estão terminando a graduação nos próximos anos, pois pelo menos 30 % dos professores estarão se aposentando nos próximos 10 anos.

Acredito que minha pesquisa poderá contribuir, seja na compreensão do histórico da escola, das tensões, da união que gerou vitórias, da união que gerou solidariedade diante de derrotas. Desejo que ela possa contribuir também para que os professores em atuação ou em formação possam compreender que não existe um sistema com vontades próprias, contudo existem pessoas que reforçam ou resistem ao que é hegemonicamente praticado.

Em nossa comunidade, já tivemos dezenas de cursos, capacitações e eventos de formação, cujos principais, na minha opinião foram o Curso de Formação de Lideranças para o Desenvolvimento Sustentável (BARROSO, 2010, p.137), o projeto Escola dos Povos do Mar e o Curso de Formação de Lideranças para o Desenvolvimento Sustentável afirma que foram muitos, foram dezenas.

Por meio de um levantamento preliminar realizado em arquivos da Associação, do Instituto Terramar, do Sr. René Schärer e de informações colhidas diretamente de documentos dos participantes, de fevereiro de 1997 até setembro de 2009, identificamos que foram aplicados na comunidade cerca de 41 cursos de capacitação, 16 seminários temáticos, 28 oficinas pedagógicas, 23 encontros e dois workshops, contabilizando uma carga horária estimada de 3.851 horas, em atividades/eventos educativos (GOMES, 2020, p. 202).

O supracitado autor elenca-os com data e instituição que ofertou em seu trabalho, no “APÊNDICE 6: Principais eventos educativos realizados na Comunidade da Prainha, desde 1997”, depois uma quantidade ainda maior no “APÊNDICE 7: Principais eventos educativos realizados por membros da Prainha, fora da Comunidade, desde 1996” (RIBEIRO, 2019, p. 298-306).

De modo que, não estaria sonhando demais ao pensar em mais um curso, mas esse seria institucionalizado, uma especialização da UFC, inspirada no Curso de Magistério Indígena Tremembé Superior - MITS, e onde as aulas deveriam seguir as metodologias aplicadas nas disciplinas de Educação Popular (ministradas pelo Professor

Babi Fonteles), *Cosmovisão Africana e Educação dos Afrodescendentes no Brasil*⁵⁷ (ministradas pela Professora Sandra Petit) e Didática (ministrada pelo Professor Eduardo Loureiro Jr.), *Autobiografia* (ministrada pela Professora Geny Lustosa), *Educação Infantil* (ministrada pela Professora Silvia Vieira) que foram as metodologias que mais me tocaram e me amadureceram muito mais nessa minha jornada que não tem fim, assim como este texto, que me dói findá-lo, ao mesmo tempo em que já sei que falei demais para uma despreziosa monografia.

⁵⁷ Quando cheguei na UFC, estava com quase todas as disciplinas optativas concluídas. E já no 3º período, quando me mudei para uma cidade interiorana, tendo dificuldades em conjugar o tempo no emprego com o tempo de deslocamento (6 horas –ida e volta) e o tempo de faculdade, já tinha concluído as optativas e só conheci a professora Sandra Petit quando cheguei na Prainha. Então não tive a oportunidade de cursar a disciplina, mas pelos relatos dos acadêmicos em seu livro *Pretagogia*, além da forma com que ela compartilha seus conhecimentos e nos orienta sobre a prática educativa antirracista na relação cotidiana, fica evidente sua metodologia transformadora.

REFERÊNCIAS

ABRINQ. Fundação Abrinq Pelos Direitos da Criança e do Adolescente (org.). **Vencedores do Prêmio Criança**. 2021. Disponível em: www.encurtador.com.br/auAK0. Acesso em: 14 jul. 2021.

ALMEIDA, Maria Inez de Lima. **Autoafirmação das Africanidades na Prainha Do Canto Verde: tirando o véu Da invisibilidade da negritude**. 2014. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014. Cap. 7. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8053>. Acesso em: 16 dez. 2020.

ALTHUSSER, Louis. **IDEOLOGIA E APARELHOS IDEOLÓGICOS DO ESTADO**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1980. 120 p.

AMPCV, Associação dos Moradores da Prainha do Canto Verde. **Escola da Prainha em 1983, a primeira escola da comunidade** [s.d]b. Disponível em: http://prainhadocantoverde.org/educacao/escola_1983-2/. Acesso em: 17 jun. 2021.

AMPCV, Associação dos Moradores da Prainha do Canto Verde. **UM CANTO VERDE AMEAÇADO!** [s.d]a. Disponível em: <http://www.prainhadocantoverde.org/noticias/5/>. Acesso em: 17 jun. 2021.

BAREMBLITT, Gregório F. (2002) **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**, 5ed., Belo Horizonte, MG: Instituto Felix Guattari (Biblioteca Instituto Félix Guattari; 2)

BARROSO, Joísa (coord.). **Perspectivas para o meio ambiente urbano: GEO Beberibe**. coordenado por Joísa Barroso. – Ceará, Fortaleza: Cearah Periferia, 2010.

BEBERIBE (Município). Secretaria Municipal de Educação. Escola Municipal de Ensino Fundamental Bom Jesus dos Navegantes. **Projeto político pedagógico da EMEF Bom Jesus dos Navegantes**. Beberibe, 2020

BOMBASSARO, Luiz Carlos. Hermenêutica. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). 2. ed. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p.204-205.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cultura Popular. In: STRECK, Danilo R. *et al* (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Cap. 8. p. 103-107.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **CAPÍTULO III – GESTÃO DEMOCRÁTICA E ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA** in Resolução nº. 4, de 13 de julho de 2010. Brasília: MEC, 2010. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007. Institui a **Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades**

Tradicionalis. Diário Oficial, Brasília, DF, 07 fev. 2007.

BRIOSO, Antônia Maria Rodrigues. **Projeto cartografia da cultura afro-brasileira da EAUFPA: uma didática da História em interface com a pedagogia decolonial.** 2020. 155 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/12425> . Acesso em: 20.06.2021.

COSTA, José Maria Ferreira. **Educação Escolar e seus objetivos.** Realização de Ueceoficial. Fortaleza: Canal da Uece, 2021. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a6JxnqyHGIE>. Acesso em: 17 jun. 2021.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do Lav**, [S.L.], v. 7, n. 2, p. 66-77, 8 ago. 2014. Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/106583> Acesso em: 17 jun. 2021.

COSTA, Maria Rosilane da. **O ensino da escrita frente aos desafios das avaliações externas: aprendizagem ou treinamento?** - UFC. 2018. 195f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/34730>. Acesso em: 17 jun. 2021.

COSTA, Nátane Oliveira da. **Cartografia social: instrumento de luta e resistência no enfrentamento dos problemas socioambientais na reserva extrativista Marinha da Prainha do Canto Verde, Beberibe - Ceará.** 2016. 157 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/21447> Acesso em: 19 jun. 2021.
Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/extensaoemacao/issue/view/164>.

FARIA, A. L. G. de e SILVA, L. L. M. da. **Culturas infantis em creches e pré-escolas: estágio e pesquisa.** Campinas, SP: Autores Associados, 2011. (Prefácio).

FONTELES FILHO, José Mendes (Org.). **História da educação diferenciada Tremembé.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. 64 p.

FONTELES FILHO, José Mendes. **Subjetivação e educação indígena.** – Edições UFC. Fortaleza, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa.** 39. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALDINO, José Wilson. **Educação e movimentos sociais na pesca artesanal.** 2014. UFC.

_____. **Educação e movimentos sociais na pesca artesanal: o caso da Prainha do Canto Verde no litoral cearense.** 312fl. Tese (doutorado) Universidade Federal do Ceará. Faculdade de educação – Fortaleza Ceará 2010. 1-Educação Popular. 2-Movimentos Sociais. 3-Pesca artesanal. I-Souza, José Ribamar Furtado (orientador).

GESTA, Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais. **Moção de apoio à comunidade da Resex Prainha do Canto Verde em defesa da Escola Bom Jesus dos Navegantes**. 2018. Disponível em: <https://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/noticias/mocao-de-apoio-a-comunidade-da-resex-prainha-do-canto-verde-em-defesa-da-escola-bom-jesus-dos-navegantes/>. Acesso em: 17 jun. 2021.

GLEISER, Marcelo. **A Dança do Universo: dos mitos de criação ao big ben**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 434 p. Disponível em: <http://www.valdiraguilera.net/bu/a-danca-do-universo.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2021.

GOMES, Alexandre Oliveira. NETO, João Paulo Vieira. Rede Tucum. **Historiando Prainha do Canto Verde**. Beberibe: Inst. Terramar, 2010. 41 p.

HESS, Remi. Do efeito Mühlmann ao princípio de falsificação: instituinte, instituído, institucionalização. **Revista Mnemosine: Clio-Psyché – Programa de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia**, Rio de Janeiro, Vol.3, nº2, p. 148-163 (2007) – Artigos Parte Especial. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/issue/view/2069>. Acesso em: 19 jun. 2021.

KOMINEK, Andrea Maila Voss; VANALI, Ana Crhistina (org.). **Roteiros temáticos da diáspora: caminhos para o enfrentamento ao racismo no brasil**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. 531 p.

LEMO, F. C. S., GALINDO, D., Reis Júnior, L. P., Moreira, M. M., & Borges Magalhães, A. G. (2015). Análise documental: algumas pistas de pesquisa em psicologia e história. **Psicologia Em Estudo**, 20(3), 461-469. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v20i3.27417>

LIMA, Márcia Ribeiro. **Memorial de Canto Verde: saber de vida e luta do povo do mar**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará. 2017.

LIMA, Maria do Céu de. ESPAÇO DE GESTÃO PÚBLICA COMPARTILHADA EM RESEX NO CEARÁ: experiência do CDRPCV– Beberibe/CE. **Revista Extensão em Ação**, Fortaleza, v. 1, n. 6, p. 30-44, 31 jul. 2014. Semestral. Acesso em: 19 jun. 2020.

LIMA, Maria do Céu de. PESCADORAS E PESCADORES ARTESANAIS DO CEARÁ: modo de vida, confrontos e horizontes (artisanal fishermen and fisherwomen in Ceará: lifestyles, confrontations and horizons). **Mercator**, Fortaleza, v. 5, n. 10, p. 39 a 54, nov. 2008. ISSN 1984-2201. Available at: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/66>. Date accessed: 24 July 2021.

LIMA, Michele Fernandes; ZANLORENZI, Claudia Maria Peckak; PINHEIRO, Luciana Ribeiro ALVES. **A função do Currículo no Contexto Escolar**. Curitiba: Inter saberes, 2012.

LOURAU, R. “Campo socioanalítico”. In: ALTOÉ, S. (org.). René Lourau, Analista em tempo integral. Campinas: Hucitec, 2004, p. 224-245.

LOURAU, R. René Lourau na UERJ – **Análise Institucional e Práticas de**

Pesquisa. Rio de Janeiro: Eduerj, 1993.

MORIN, Edgar. Complexidade e Liberdade. **Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Ensino e Questões Metodológicas em Serviço Social.** NEMESS, 2018. 10 p. disponível em <http://www.nemesscomplex.com.br/anexos/complexidadeeliberdade.pdf> Acesso em: 23 jul. 2021.

NASCIMENTO, Alexandre do. Ubuntu como fundamento. **UJIMA - Revista de Estudos Culturais e Afrobrasileiros.** Número XX, Ano XX, 2014. ISSN 9999-9999.

OPOVO, Jornal. **O PACTO.** 2018. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/opiniaio/2018/03/o-pacto.html>. Acesso em: 16 mar. 2018

PAIVA, Luiz Fábio S.. Contingências da violência em um território estigmatizado. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 2007, Fortaleza. **Grupo de Trabalho: Violência e Sociedade: segurança, controle e castigo.** Recife: Repositório UFC, 2007. p. 1-16. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/52440/1/2007_eve_lfspaiva.PDF. Acesso em: 23 jul. 2021.

PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓCIA, L. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2015.

PAZ, André Soares dos Santos, Projeto Agrinho 2017 - Escola EMEF Bom Jesus dos Navegantes in Blog **TEMAS QUE TODOS DEVERIAM FALAR** acesso em 06.02.2020. Disponível em <http://meutemapreferido.blogspot.com/2017/09/projeto-agrinho-2017-escola-emef-bom.html>

PAZ, André Soares dos Santos. **GRIÔZINHO na 7º CRE do Rio de Janeiro** - leia a descrição abaixo. Interpretação de André Soares dos Santos Paz. Rio de Janeiro: 7ª Cre Sme, 2021. (11 min.), VÍDEO, son., color. Disponível em: www.encurtador.com.br/pqU07. Acesso em: 14 jul. 2021.

PAZ, André Soares dos Santos. **Sobre minha ida à Curitiba.** [mensagem pessoal] Mensagem enviada para: <Pe. Dário>. em: 28 set. 2014.

PETIT, Sandra Haydée, **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei Nº 10.639/03.** Fortaleza: EdUECE, 2015.

RIBEIRO, Roberto Carlos. **Mais um descaso deixado pela gestão passada e até hoje nada foi feito para proteger as crianças de algum acidente.** Beberibe, 28 dez. 2019. Facebook: @robertocarlos.ribeiro.359. Disponível em: <https://www.facebook.com/robertocarlos.ribeiro.359/videos/2745887818802478>. Acesso em: 19 jun. 2021.

ROMAGNOLI, R. C. **A cartografia e a relação pesquisa e vida.** Psicologia e Sociedade, v. 21, n. 2, p. 166-173. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822009000200003>. Acesso em: 12/07/2021.

SEGATE, A. (2010). Gêneros Textuais no Ensino de Língua Portuguesa. **Revista Linha D'Água**, (23), 13-24. <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v0i23p13-24>

SILVA, Ana Célia da. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou?**. Salvador: EDUFBA, 2011. 182 p. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8688>

Silva, A. L. S. & Feuerwerker, L. C. M. (2019) Escrever como um ato de resistência: uma escrita rizoma. **Psicologia Política**, 19(45), p 335-350

SOUZA, Severino Ramos Lima de; FRANCISCO, Ana Lúcia. APROXIMAÇÕES ENTRE FENOMENOLOGIA E O MÉTODO DA CARTOGRAFIA EM PESQUISA QUALITATIVA. **Ciências da Saúde: Da Teoria à Prática** 11, [S.L.], p. 99-111, 19 jun. 2019. Atena Editora. <http://dx.doi.org/10.22533/at.ed.0301913069>. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/14939>. Acesso em: 19 nov. 2020.

7º ANO, 2019. Professor Dedé em entrevista para um trabalho em grupo na disciplina de Língua Portuguesa sobre cultura e arte, sob responsabilidade do professor André Paz. https://www.youtube.com/watch?v=jNsy1i042VI&list=PLiLCuOAaTHKG0roDNPnTWyq_9eWFjVd5&index=2

ANEXOS

ANEXO 1 – Relatório do Seminário realizado em parceria com as Escolas e Universidades.

SEMINÁRIO ESTADUAL EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NAS RESERVAS EXTRATIVISTAS - EMEF BOM JESUS DOS NAVEGANTES

RELATÓRIO

O Seminário Estadual Educação Contextualizada nas Reservas Extrativistas do Ceará, realizado na Reserva Extrativista (RESEX) da Prainha do Canto Verde, nas dependências da Escola Municipal de Ensino Fundamental Bom Jesus dos Navegantes, nos dias 02 e 03 de fevereiro de 2018 foi uma realização das escolas municipais Bom Jesus dos Navegantes (Beberibe) e do Batoque (Aquiraz) e da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará. O evento reuniu os professores e gestores das referidas escolas e contou com a participação de instituições de ensino superior como a UECE, UFERSA, UFCA (PLURAL), UNILAB, NACE/UFC, LEVANTE POPULAR/UFC, LEAT/UFC, representação das secretarias municipais de educação dos municípios de Beberibe, de Aquiraz e de Icapuí, as equipes de gestores das duas Unidades de Conservação (UC), o Núcleo de Educação ambiental (NEA) do IBAMA-CE, SEMA, Secretaria de Pesca de Beberibe, a Escola do Campo de Caetanos de Cima (Amontada-Ce.), organizações não governamentais tais como a Associação de Moradores do Batoque, REDE TUCUM, Associação de Moradores da Prainha do Canto Verde, Instituto TERRAMAR, CONFREM, Mandato Estadual Renato Roseno, e de outras pessoas independentes simpatizantes do tema. Contabilizado a participação de 80 pessoas (de acordo com lista de presença).

Os trabalhos iniciaram com uma bela acolhida feita pela Banda Fanfarra da escola do Batoque e a primeira mesa constituída consistiu em um momento de falas institucionais e foi formada pelas seguintes representações: EMEF Bom Jesus dos Navegantes (Prof. Silas Carvalho – Diretor Escolar), EMEF do Batoque (Profa. Maria Edna Moreira e Prof. Regimar Braga), Conselho Escolar da Escola Bom Jesus dos Navegantes (Sr. Antônio Carlos Ribeiro), SME Beberibe (Profa. Núbia Carneiro), SME Aquiraz (Profa. Maria Iracema de Souza), FACED/UFC (Profa. Dra. Maria do Céu Lima), ICMBio (Analista Ambiental Thiago Dias) e Associação de Moradores da Prainha do Canto Verde (Lindomar Fernandes de Lima).

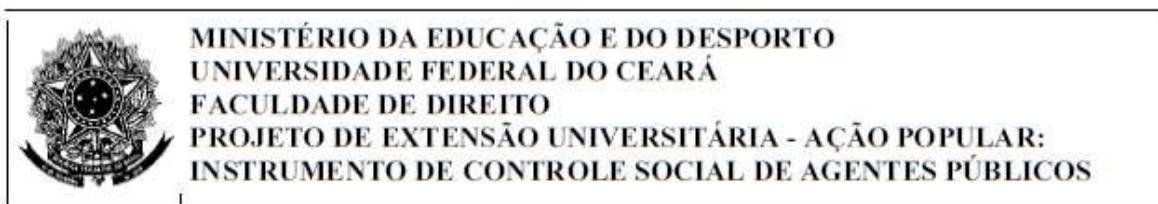
Inúmeras temáticas foram debatidas no decorrer do seminário, sempre com a ótica de fundo da “Educação Contextualiza/Diferenciada”.

Mediante a isto, podemos elencar alguns pontos importantes debatidos nos momentos de palestra e/ou principalmente nas plenárias que frequentemente aconteciam:

- a) A Educação Diferenciada não é algo novo e está na legislação educacional brasileira, até mesmo na Base Nacional Curricular Comum (BNCC), o que nos legitima enquanto escola a buscar a efetivação deste direito.
- b) A Escola Bom Jesus é uma escola militante, historicamente envolvida com a vida da comunidade e que busca, constantemente, o seu aperfeiçoamento. A comunidade reconhece a escola como um espaço legítimo de debates sobre as questões locais que desafiam o bem estar dos moradores e também de conquistas desta, pois, como o espaço físico da referida escola que foi idealizado e construído por ela, assim também ela protagonizou várias outras iniciativas. Temos, portanto, como questão geral e desafiadora as condições estabelecidas pelas diretrizes educacionais atuais que fixam como prioridade absoluta a alfabetização (linguística e matemática), e colocam, de maneira bastante sutil, os aspectos sociais e políticos do papel da educação em segundo plano. Isso tem contribuído, gradativamente, para o distanciamento do trabalho contextualizado no cotidiano da escola. Assim, elencamos como desafios: Encontrar o melhor caminho para que os conhecimentos e formação cidadã (que parte das questões locais) sejam trabalhados; promover a formação (cursos de graduação, especialização e extensão) direcionada aos professores; Elaboração de material didático diferenciado; Fortalecimento da relação escola-comunidade; Fortalecimento do Conselho Escolar como representação legítima dos interesses educacionais da comunidade; e Reconhecimento legal como escola diferenciada.
- c) Além disso, surge, mais recentemente, uma outra preocupação advinda de um acordo de parceria da prefeitura com a Organização Educacional Farias Brito, cujo objeto do mesmo é, unicamente, a escola Bom Jesus dos Navegantes, que compromete a continuidade da prática pedagógica defendida pela escola em seu Projeto Político Pedagógico (PPP).
- d) Já existe uma política definida para a educação do campo, mas as especificidades das comunidades litorâneas requerem diretrizes específicas, ainda mais sendo Reserva Extrativista.

- e) A política nacional para as escolas do campo é uma conquista das comunidades de assentamentos agrários, ou seja, é resultado da luta destas populações pelo direito a educação de qualidade. Da mesma forma as escolas de reservas também podem lutar e obterem conquista semelhante.
- f) O uso das tecnologias da informação no trabalho pedagógico pelos professores e alunos são necessários e representam possibilidades interessantes em diversas situações do trabalho educacional.
- g) Os saberes locais, tradicionais são vastos e de grande importância para a autoafirmação de um povo e, por isso, precisam ser valorizados. A escola exerce papel fundamental no reconhecimento e transmissão desses saberes para que estes perdurem na cultura da comunidade.
- h) A escola é o espaço legítimo de reflexão, construção de pensamento e fortalecimento do sentimento de pertencimento das gerações do presente. Enxergando isto como um direito, a escola não pode ser privada de fazer esse trabalho que é social e político.
- i) Assim, em relação a escola que queremos, desejamos:
- Respeito às realidades e contexto;
 - Garantia do ensino diferenciado no contexto da RESEX;
 - Formação contínua/continuada aos profissionais da educação por área de conhecimento;
 - Escola que fortalece o sentimento de pertença e identidade;
 - Se aproprie das tecnologias da informação;
 - Com diretrizes específicas para escola de RESEX;
 - Forme para a vida e fortalecimento da comunidade;
 - ***Protagonismo do Conselho Escolar;***
 - Material pedagógico diferenciado (valoriza narrativa popular da comunidade, a exemplo do “NOSSA HISTÓRIA”);
 - Criação de instrumentos democráticos para escolas e gestores;
 - Transparência da gestão para firmação da qualidade da escola;

ANEXO 2 – Parecer feito em relação à parceria imposta à escola Bom Jesus dos Navegantes



ILMO. SR. PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DA PRAINHA DO CANTO VERDE

PARECER JURÍDICO

OBJETO: Análise jurídica do Convênio de Cooperação Técnica realizado entre o Município de Beberibe/CE e a Organização Educacional Farias Brito Ltda visando desenvolver e acompanhar as ações na forma que indica

INICIALMENTE – DO PROJETO DE EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – AÇÃO POPULAR: INSTRUMENTO DE CONTROLE SOCIAL DE AGENTES PÚBLICOS

Inicialmente, ressalta-se que o presente parecer decorre de solicitação acerca dos aspectos jurídicos do Convênio acima indicado, bem como da atividade interdisciplinar entre diversos projetos de extensão da Universidade Federal do Ceará – UFC, entre eles, o projeto - AÇÃO POPULAR: INSTRUMENTO DE CONTROLE SOCIAL DE AGENTES PÚBLICOS – que vem fiscalizando ações de gestores que possibilita a junção da atividade acadêmica com o cotidiano de gestão da coisa pública.

Ressalta-se que o presente parecer tem conotação meramente técnica (político-jurídico apenas nos termos legais/constitucionais), atendo-se tão somente aos fatos que envolvem o presente caso e não ao governo em si do Município de Beberibe. Não está se questionando a gestão como um todo do Sr. Prefeito Municipal, mas tão

um fato determinado, qual seja, o Convênio de Cooperação Técnica realizado entre o Município de Beberibe/CE e a Organização Educacional Farias Brito Ltda.

1. DA CONSULTA REALIZADA PELA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DA PRAINHA DO CANTO VERDE E DO CONTEÚDO DO CONVÊNIO

A Associação dos Moradores da Prainha do Canto Verde, através de seu Presidente, entrou em contato com professores da UFC acerca de orientação jurídica para algumas ações sociais e de algumas condutas do Poder Público Municipal.

Após apresentar o Convênio em análise, a Associação exibiu documentos e fatos comprobatórios de eventos ocorridos, bem como a apreensão diante da ausência de diálogo na condução do processo que coadunou no ato administrativo questionado.

Preocupada com a implantação de um modelo de escola que não respeitasse a participação comunitária da reserva extrativista e os costumes locais, a gestão democrática do ensino, etc, a Associação e se reuniu, no dia 28/12/2017, com o Prefeito Municipal de Beberibe acerca da possível “parceria” com a Organização Educacional Farias Brito, tendo o mesmo, segundo a Associação, rechaçado a existência de qualquer tratativa sobre o assunto. A Associação também protocolou ofício, em 10/01/2018, junto à Secretaria Municipal de Educação indagando sobre o tema, sendo formalmente respondido, também, da inexistência de qualquer tratativa acerca da escola municipal localizada na reserva extrativista da Prainha do Canto Verde.

No entanto, em momento posterior, descobriu a Associação, que em 09 de janeiro de 2018 foi celebrado um Convênio entre o Município de Beberibe e a Organização Educacional Farias Brito Ltda, o qual prevê:, entre outras questões:

CLÁUSULA SEGUNDA – DAS OBRIGAÇÕES

...

2.1.1 À CONVENIADA:

I – realizar, periodicamente, palestras, cursos e treinamentos para os profissionais do magistério:



II – orientar o Poder Público municipal na implantação e desenvolvimento de projeto pedagógicos;

...

V – orientar o Município no processo de avaliação, seleção e definição de diretores, coordenadores e profissionais do corpo administrativo e pedagógico objeto deste Convênio;

...

2.1.2 Ao Município CONVENIENTE:

I – disponibilizar o espaço físico, instalações, equipamentos e mobiliários adequados para o desenvolvimento adequado do projeto pedagógico e das atividades decorrentes deste convênio, atendendo aos padrões estabelecidos pelo CEE – Conselho Estadual de Educação e MEC;

II – implantar projetos pedagógicos orientados pela CONVENIADA, com vistas ao benefício dos alunos;

III – identificar a Escola com a expressão “Escola apoiada pela Organização Educacional Farias Brito”(logomarca), garantindo o padrão oficial de identificação já existente;

...

Cada atribuição que se destacou para incluir neste Parecer viola uma série de normas jurídicas que serão adiante explanadas.

2. DA GESTÃO DEMOCRÁTICA DO ENSINO PÚBLICO E DA PARTICIPAÇÃO DOCENTE OBRIGATÓRIA NO PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO

Os dispositivos do Convênio que aqui foram apresentados, de início, violam o princípio de gestão pedagógica e democrática que é obrigatório no ensino público, por

desprezar a participação dos docentes da escola e, sobretudo, os interesses da comunidade.

A Constituição Federal de 1988, de início, determina de modo claro:

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes **princípios**:

...

V - valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas;

VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei;

...

No mesmo sentido, destacando a gestão democrática no ensino e a valorização dos docentes, dispõe a Lei Orgânica do Município de Beberibe/CE:

Art. 84-A. A educação municipal desenvolver-se-á mediante os seguintes princípios:

...

IX – gestão democrática da educação pública;

...

XI – valorização dos profissionais da educação;

Art. 84-B. O dever do Município com a **educação será efetivado mediante as seguintes garantias**:

...

XII – escolha democrática da direção escolar dentre os profissionais do quadro do magistério público municipal, com a exigência de nível superior e qualificação técnica, na forma da lei, **assegurada a participação direta de professores, funcionários, alunos e pais de alunos**;

...

XX – Instituição e fortalecimento de mecanismos de participação das comunidades escolares e locais, através de conselhos escolares, grêmios estudantis, dentre outros, assegurada sua plena autonomia e a disponibilidade das instalações escolares para atividades das organizações de pais alunos e trabalhadores;

...

O Convênio em análise prevê como obrigação do poder público (item 2.2.1, inc. II) implantar projetos pedagógicos orientados pela CONVENIADA (Organização Educacional Farias Brito), ou seja, excluí a participação da comunidade, dos professores, pais, funcionários, etc.

É de se destacar que a gestão pedagógica e democrática também foi regulada por lei federal a fim de valorizar os profissionais de educação e prever como o ensino público seria regido de acordo com a democracia. A Lei nº 9.394/96 - LDB (que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional), dispõe:

Art. 13. Os docentes incumbir-se-ão de:

I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

...

VI - colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II - participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

O Convênio ora em análise, repita-se, atropela as diretrizes da Constituição Federal e da LDB, pois fora celebrado sem qualquer participação dos gestores da escola e seu corpo docente, bem como da comunidade local. Muito pelo contrário, o convênio prevê que a instituição privada (Organização Educacional Farias Brito) oriente o Poder Público municipal que estará obrigado a implantar e desenvolver o projeto pedagógico da instituição privada, bem como se sujeitar ao processo de avaliação, seleção e definição de diretores, coordenadores e profissionais do corpo administrativo e pedagógico da escola Municipal da Prainha do Canto Verde.

Além de suprimir a participação comunitária e docente, o convênio enfraquece e **exclui a autonomia do município** (art.18, CF/88) na gestão da equipamento público de ensino – violação da moralidade administrativa e legalidade (art. 37, CF/88).

3. DAS REGRAS DE COMPETÊNCIA MUNICIPAL PARA GERIR O SISTEMA DE EDUCAÇÃO

A Lei Municipal n. 973/2009 regula no Município de Beberibe a estrutura organizacional do Poder Executivo e dispõe:

Art. 2 **O exercício das atividades da Administração Pública Municipal será respondido pelos órgãos**, subordinados diretamente ao Chefe do Poder Executivo, a saber:

...

II – Secretarias Municipais, classificadas como de execução instrumental (meio) e de atuação programática (fim), órgão de primeiro nível hierárquico, **como funções de planejamento, comando, coordenação, fiscalização, execução, controle** e orientação normativa da ação do Poder Executivo.

Art. 13 **Compete à Secretaria de Educação:**

I – **planejar, executar e avaliar a política educacional**, no Município;

...

III - **planejar a execução das atividades pedagógicas de ensino, consoante a legislação vigente,** compreendendo a pesquisa didático-pedagógica;

IV - planejar, desenvolver, coordenar e controlar os programas de educação infantil, educação de jovens, e adultos e as atividades do ensino fundamental;

O normativo municipal deixa nítido que a atribuição para realizar qualquer convênio ou acordo de parceria na área de educação seria da Secretaria de Educação.

No caso, o Sr. Prefeito não realizou qualquer consulta à Secretaria de Educação acerca do Convênio celebrado, muito menos observou as regras de competência, pois em ofício em 12/01/2017 a Secretaria Municipal de Educação em resposta formal, por meio do Ofício n. 25/2017 – SME/GAB, informou à Associação dos Moradores da Prainha do Canto Verde **que não teve conhecimento de qualquer formalização de parceria** entre a Prefeitura e a Organização Farias Brito.

Caberia ao Prefeito Municipal antes de qualquer formalização de convênio receber a orientação normativa da Secretaria de Educação acerca da gestão do sistema de ensino local, ao invés de validar acordos com claro conteúdo político.

E antes validar o convênio, o mesmo deveria ter sido discutido amplamente com o corpo docente, comunidade e ser aprovado por estes.

4. DA VIOLAÇÃO DA LEI DO ACESSO À INFORMAÇÃO – IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA

Como dito anteriormente, a Associação dos Moradores da Prainha do Canto Verde ao tomar conhecimento de tratativas entre o poder público municipal e a Organização Educacional Farias Brito (em razão de inúmeras visitas de pessoas desta na escola municipal), procurou informações acerca da existência de algum acordo ou planejamento de parceria.

O Prefeito Municipal e representantes da Associação se reuniram em 28/12/2017, quando foi rechaçado por aquele, acerca de qualquer tratativa com a Organização Educacional Farias Brito sobre o assunto, a fim de fazerem uma parceria.

Ainda, como Através do Ofício n. 25/2017 – SME/GAB (em anexo), datado de 12/01/2018 (após a data de celebração do Convênio) a Secretária de Educação informou à Associação dos Moradores da Prainha do Canto Verde que não teve conhecimento de qualquer formalização de parceria entre a Prefeitura e a Organização Farias Brito.

Porém, após essa data 12/01/2018, a Associação dos Moradores da Prainha do Canto Verde tomou conhecimento do Convênio, que é pretérito ao ofício, ou seja, datado de 09/01/2018.

Como então o Sr. Prefeito Municipal delega a gestão escolar por cima da Secretaria de Educação? Como o Sr. Prefeito Municipal suprime da comunidade e do corpo docente informações ou autorização prévia, democrática e plural? Como o Sr. Prefeito realiza de maneira oculta um Convênio que enfraquece a autonomia do município e a comunidade local?

A Lei do Acesso à Informação (Lei 12.527/11) determina:

Art. 8º **É dever dos órgãos e entidades públicas promover, independentemente de requerimentos, a divulgação em local de fácil acesso, no âmbito de suas competências, de informações de interesse coletivo ou geral por eles produzidas ou custodiadas.**

Art. 32. **Constituem condutas ilícitas que ensejam responsabilidade do agente público ou militar:**

I - **recusar-se a fornecer informação requerida** nos termos desta Lei, retardar deliberadamente o seu fornecimento ou fornecê-la intencionalmente de forma incorreta, incompleta ou imprecisa;

II - utilizar indevidamente, bem como **subtrair**, destruir, inutilizar, desfigurar, alterar ou ocultar, total ou parcialmente, **informação que se**

encontre sob sua guarda ou a que tenha acesso ou conhecimento em razão do exercício das atribuições de cargo, emprego ou função pública;

III - agir com dolo ou má-fé na análise das solicitações de acesso à informação;

...

V - impor sigilo à informação para obter proveito pessoal ou de terceiro, ou para fins de ocultação de ato ilegal cometido por si ou por outrem;

§ 2º Pelas condutas descritas no caput, poderá o militar ou agente público responder, também, por improbidade administrativa, conforme o disposto nas Leis nos 1.079, de 10 de abril de 1950, e 8.429, de 2 de junho de 1992.

A Lei de Improbidade Administrativa (Lei 8.429/92) também reforça o dever de informação e de cumprir com as determinações previstas em lei (como a LDB:

Art. 10. Constitui ato de improbidade administrativa que causa lesão ao erário qualquer ação ou omissão, dolosa ou culposa, que enseje perda patrimonial, desvio, apropriação, malbaratamento ou dilapidação dos bens ou haveres das entidades referidas no art. 1º desta lei, e **notadamente:**

...

XIV – celebrar contrato ou outro instrumento que tenha por objeto a prestação de serviços públicos por meio da gestão associada sem observar as formalidades previstas na lei;

...

XVIII - celebrar parcerias da administração pública com entidades privadas sem a observância das formalidades legais ou regulamentares aplicáveis à espécie;

Art. 11. Constitui ato de improbidade administrativa que atenta contra os princípios da administração pública qualquer ação ou omissão que

viola os deveres de honestidade, imparcialidade, legalidade, e lealdade às instituições, e notadamente:

I - praticar ato visando fim proibido em lei ou regulamento ou diverso daquele previsto, na regra de competência;

...

IV - negar publicidade aos atos oficiais;

...

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) inclusive desempenha papel de liderança a nível mundial acesso universal à informação e ao conhecimento, para a construção de sociedades do conhecimento inclusivas. Isso é claramente disposto da Estratégia a Médio Prazo para 2014-2021 (Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002278/227860e.pdf>):

Strategic Objective 9 - Promoting freedom of expression, media development and access to information and knowledge.

Objetivo Estratégico 9 - Promover a liberdade de expressão, o desenvolvimento da mídia e o acesso à informação e ao conhecimento.

No caso, o Sr. Prefeito Municipal de Beberibe realizou inquestionavelmente ato que viola as disposições da LDB, da Constituição Federal e da Lei do Acesso à Informação e que, em tese, podem incidir em violação à Lei de Improbidade.

5. DAS CONCLUSÕES

Diante de todo o exposto, não restam dúvidas de que o Convênio analisado não preencheu os requisitos estabelecidos pela ordem jurídica brasileira para o atendimento da pretensão do gestor público de firmar parceria com instituição privada.

Desta forma, indicamos que seja comunicado o fato com urgência ao Ministério Público do Estado do Ceará, Defensoria Pública do Estado, Conselho Estadual de Educação, Câmara Municipal de Vereadores e UNESCO para a adoção de medidas

legais cabíveis.

É o nosso Parecer, s.m.j.

Fortaleza, 24 de janeiro de 2018.

Professor Doutor Felipe Braga Albuquerque
Oab/Ce 15.507 – Coordenador do Projeto de Extensão

ANEXO 3 - PLANILHA CRIADA NO FINAL DO MEU PRIMEIRO ANO DE DOCÊNCIA NA RESEX (2017)

Em conversas constantes com lideranças comunitárias (quem mais contribuiu foi o líder comunitário Beto), com pais de alunos, com professores de escolas de educação do campo, de professores da FAGED-UFC, de estudos pessoais, entre outras fontes. Não foi colocado os nomes de sugestão dos palestrantes porque eu ainda não conhecia bem as referências locais para cada assunto. Os assuntos que estão com (*) é porque de alguma forma consegui trabalhar com os alunos, sendo eles os protagonistas, pesquisadores, etc.

Obs. Importante lembrar que nesse período eu era professor de Ciências Humanas (Geografia, História e Ensino Religioso).

	ASSUNTO	ESTRATÉGIA ou AVALIAÇÃO	SUGESTÃO DE PALESTRANTE	DISCIPL	DATA
1	MANEJO E REPARO DE EMBARCAÇÕES E MATERIAL DE PESCA	CRIAR MANUAIS		GE OU CIENC. MAR	27-mar
2	DIREÇÃO DOS VENTOS*	CONSTRUIR ROSA DOS VENTOS E TER AULA COM MESTRE		GE	
3	TIPOS DE PEIXES QUE CONSUMIMOS E QUE VENDEMOS	CONSTRUIR UM LIVRINHO EXPLICATIVO		GE	
4	MANEJO DE VAZANTES E FRUTÍFERAS*	FAZER VÍDEOS		GE	
5	QUINTAL PRODUTIVO*	FAZER VÍDEOS		GE	
6	ARTESANATO: COM MATERIAL RECICLADO*	CRIAR MANUAIS OU DESCRIÇÃO DE OFICINAS		GE	
7	ARTESANATO: MINIATURAS E BRINQUEDOS DE EMBARCAÇÕES	FAZER UM CATÁLOGO COM DESCRIÇÃO		GE	24-abr
8	ARTESANATO: MÁSCARA E ROUPAS DE PAPANGUS*	CRIAR MANUAIS OU DESCRIÇÃO DE OFICINAS		GE	
9	MOVIMENTAÇÃO DAS DUNAS: CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E PREVENÇÃO*	VIDEOS COM ANIMAÇÃO E IMAGENS SEQUENCIAIS		GE	

10	TURISMO COMUNITÁRIO: HOTELARIA, ECOLOGIA E TRILHAS*	VIDEOS OU LIVRETOS		GE	
11	CARTOGRAFIA DA PESCA: NOMES DAS ESTRELAS E ASTROS, PONTOS MARÍTIMOS E TERRESTRES DE LOCALIZAÇÃO	MAPAS E MANUAIS		GE	
12	EMPREENDEDORISMO FAMILIAR*	VIDEOS, ENTREVISTAS E MANUAIS		GE	
13	ESTAÇÕES DO ANO E AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM: LAGOAS, EROÇÃO, VEGETAÇÃO*	MAQUETES		GE	8-mai
14	ESPAÇOS E OPORTUNIDADES DE LAZER E SAÚDE NA COMUNIDADE: POR GRUPOS SOCIAIS E FAIXAS ETÁRIAS*	VÍDEOS, MÚSICAS, MAPA		GE	
15	DEFESA DO TERRITÓRIO: HISTÓRIA LOCAL*	VÍDEOS COM ENTREVISTAS		HI	13-ago
16	CAUSOS: ESTÓRIAS DA COMUNIDADE, LENDAS, CORDEIS, MÚSICAS, COMÉDIAS, TRAGÉDIAS, PROVÉRBIOS*	LIVRETOS, FANZINES		HI	
17	ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA E OS GRUPOS QUE DÃO VIDA: ASSOCIATIVISMO	VIDEOS, CORDÉIS, MUSICAS		HI	
18	HISTÓRIA DAS FRAGILIDADES NA COMUNIDADE: PRESENTE, PASSADO E FUTURO - O QUE PRECISAMOS SUPERAR E O QUE JÁ CONSEGUIMOS MELHORAR (PARCERIAS, ECONOMIA, ORGANIZAÇÃO)*	LIVRETOS, CORDÉIS, TEATRO FILMADOS		HI	

19	HISTÓRIA DAS MULHERES NA COMUNIDADE: ELAS SÃO AINDA MAIORES DO QUE SER MÃE*	LIVRETOS, CORDEIS, TEATRO FILMADOS		HI	
20	HISTÓRIA DOS BRINQUEDOS E DAS BRINCADEIRAS DA COMUNIDADE*	EXPOSIÇÃO E LIVRETO COM FOTOS		HI	
21	CONSTRUÇÃO DE BARRO E DE PALHA: UMA ORIGEM INDÍGENA E AFRICANA	MAQUETES E LIVRETOS		HI	
22	A EDUCAÇÃO QUE NOSSOS PAIS RECEBERAM: REGRAS QUE NÃO PODIAM SER QUEBRADAS*	TEATRO, CORDEIS, LENDAS, CAUSOS		HI	
23	HISTÓRIA DE SOLIDARIEDADE NA COMUNIDADE: PRESENTE, PASSADO E FUTURO - O QUE NOS FAZ AJUDAR UM AO OUTRO*	POEMAS, ESTÓRIAS		HI	22-mai
24	GUERREIRAS E GUERREIROS DA COMUNIDADE: BIOGRAFIAS DE CORAGEM E DETERMINAÇÃO*	LIVRETOS E VIDEO COM IMAGENS E LEGENDA		HI	
25	NOSSA CULTURA: ARTISTAS, ARTES, MÚSICAS, CORDEIS, EVENTOS, FESTAS, COMEMORAÇÕES, COMIDAS, DANÇAS*	VIDEOS E LIVRETOS		HI	
26	JUVENTUDES: O QUE HERDAMOS? O QUE NOSSOS ANCESTRAIS GOSTARIAM QUE FIZÉSSEMOS? ORGANIZAÇÕES JUVENIS NO BRASIL E NA HISTÓRIA LOCAL, CONQUISTAS E DESAFIOS*	MANIFESTAÇÕES, ABAIXO-ASSINADO, EVENTOS		HI	
27	TESTEMUNHO DE PESSOAS QUE RECEBERAM ALGUMA AJUDA FINANCEIRA OU DE ACESSORIA PARA ALCANÇAR SEUS SONHOS.	VIDEOS E TEATRO FILMADO			

ANEXO 4 - Projeto interdisciplinar de Geografia, História e Ensino Religioso, de minha autoria quando eu estava ministrando essas disciplinas.

MOSTRA DA CULTURA INDÍGENA PANAMERICANA NA ESCOLA BOM JESUS DOS NAVEGANTES - RESEX PRAINHA DO CANTO VERDE, BEBERIBE, CE - MCIP_BJN2018

RELATÓRIO

Apresentação do projeto;

A ideia desse trabalho surgiu ao participar (na UFC/FACED) da Jornada indígena (16 a 21/04/2018) que ocorreu em várias partes do estado do Ceará através da parceria entre várias universidades, tribos e escolas. Infelizmente não foi possível a Bom Jesus (nossa escola) fazer parte, porém a temática (lei 10. 639/2013) não era obrigatória, somente no mês de abril (mês que se comemora a cultura indígena). Então já no final do mês, compartilhei a ideia com os alunos das 4 turmas do ensino fundamental, anos-finais. Os alunos se mostraram interessados. Eu não tinha ainda qual seria o formato do trabalho: se em cartazes, cordéis, vídeos, slides, teatros. Dividi os temas e o 9º ano logo iniciou sua pesquisa. Enquanto isso fui procurando desenvolver o restante do projeto. Até que um dos produtos foram decididos: a sala faria um vídeo. Alguns pesquisaram imagens, outros textos, outros músicas, outros aplicativos de produção de vídeo e ainda um grupo desenvolveria perguntas e uma forma de competição para aplicá-las. E cada turma foi desenvolvendo seus vídeos. As músicas foram aparecendo, as imagens, os temas e os alunos estavam a todo vapor em suas pesquisas.

Com isso, surgiram mais duas ideias: que cada turma tivesse um desenho de seu tema, criado pelos próprios alunos e todos preferiram que tivessem uma competição com torta na cara para avaliarmos a compreensão do que foi estudado, ou seja, responder as perguntas que eles fizeram e ainda acrescentar outras.

Justificativa

A importância desse projeto se dá no quesito da identidade do país, bem como da própria comunidade escolar que é localizada em uma comunidade tradicional pesqueira e que herdou vários costumes indígenas. Também corresponde a lei 10.639

que exige da escola e professores tratar dessa temática, bem como da africanidade existente em nossa cultura brasileira. A integração das quatro turmas também se faz de suma importância, uma vez que não são raros os conflitos dentro da escola de alunos de turmas diferentes. Também pelo compartilhamento de saberes de alunos para alunos. Os povos indígenas são historicamente violentados por causa do preconceito fundado na ideia de que são contra o progresso, mas o que temos visto é que são muito mais avançados do que a cultura ocidental europeia que temos seguido o exemplo. Pesquisas comprovaram que o modo de vida indígena não só é superior em relação à qualidade de vida e relacionamento com a natureza e hierarquia social como também é superior na prática sustentável de tudo.

Objetivos

Geral: Possibilitar aos alunos, a aproximação do conhecimento das culturas dos povos indígenas de todo o continente americano.

Específicos:

- Conhecer os vários aspectos das culturas dos povos indígenas panamericanos;
- Despertar interesse dos alunos pela riqueza sociocultural que possuem os povos indígenas;
- Possibilitar que os alunos tenham consciência da existência das mais diversas localidades onde vivem os povos indígenas no Ceará, no Brasil e no continente americano;
- Estimular e possibilitar o contato dos estudantes com a arte, a religião e a luta por direitos dos povos indígenas.

Metodologia

Cada turma recebeu um tema conforme os livros de geografia e história para o nível de ensino que se encontravam.

Foi dividido cada turma em grupos, de forma que cada grupo ficou com uma tarefa:

- ❖ Pesquisar imagens conforme os 8 temas pré-estabelecidos;
- ❖ Criar legendas para as imagens;
- ❖ Pesquisar músicas indígenas para colocar de fundo nos vídeos;

- ❖ Pesquisar textos e sites para criar as perguntas sobre os 8 temas pré-estabelecidos.

Foi trabalhado com as turmas os assuntos de seus livros que tivessem relação com a temática indígena e realizado algumas etapas até culminar na apresentação final que chamamos de Mostra da Cultura Indígena Panamericana - MCIP_BJN2018

Cronograma

- Lançamento do projeto nas turmas;
- Divisão dos temas;
- Etapas para a construção do vídeo;
- Apresentação do desenho feito pela turma;
- Dinâmica de avaliação dos conhecimentos sobre as culturas indígenas (torta na cara);
- Entrega dos vídeos;
- Combinar com os professores para levarem (autorizarem) a turma para participar da mostra junto com as outras turmas;
- Ornamentação da sala para apresentação da mostra;
- Apresentação final da mostra.

Recursos

Foi utilizado cartazes das apresentações do 7º ano/2017 sobre os indígenas da América espanhola. Algumas folhas A4, barbantes, pincéis, cola, data show, caixa de som, bijuterias indígenas, vídeos de campanhas pró indígena/Demarcação Já. Os recursos humanos foram os próprios alunos que organizaram o local da apresentação final junto com minha esposa.

Resultados

Os alunos do 6º ano após discutirem sobre a cultura indígena e sua religião, escreveram uma carta para ser entregue na aldeia Jenipapo-Kanindé na cidade de Aquiraz. As cartas foram escritas com muita empolgação e curiosidade sobre a tribo. Os alunos passaram a usar o exemplo dos indígenas em vários discursos e comparações no seu dia a dia. O coordenador pedagógico, José Maria, iniciou um trabalho de correção do português das cartas junto com os alunos, para que compreendessem as correções. Infelizmente por motivos maiores não foi possível corrigir com todos os alunos antes do término do semestre. Também houve um

interesse descomunal do 6º ano pelos significados dos desenhos que os indígenas fazem no corpo. Os alunos se propuseram a pesquisar os significados e como se fazem as tinturas para que na apresentação final, aplicassem em todos os alunos que quisessem as pinturas. O esforço do 6º ano para descobrir como se fazia as tortas para o momento de avaliação dos conhecimentos adquiridos sobre as culturas indígenas também foi algo gratificante.

A turma do 9º ano (com alguns alunos em exceção) foram os primeiros a iniciar a pesquisa como também foram os que mais se empenharam no momento final do projeto que foi à mostra.

As crianças lideradas pela aluna Mariana (6º ano) e Sthefany (8º ano) ensinaram e ensaiaram um grupo de alunos para apresentação no dia da Mostra.

Considerações

O que podemos concluir sobre esse projeto é que podemos ir muito além do que os livros nos indicam e ainda assim utilizá-los como complemento. E que em algumas atividades dos alunos a fazem muito mais pelo prazer e curiosidade do que simplesmente pela nota. Infelizmente a nota tem sido uma moeda de troca e incentivo para que os alunos façam as coisas, mas nesse projeto, não foi perguntado sobre quantos pontos valiam cada atividade e mesmo assim houve uma considerável participação. Infelizmente aqueles alunos que não copiam em sala, não fazem as atividades de casa e nem os trabalhos em grupo e não prestam atenção nas discussões em sala nem delas participam, também não fizeram diferente nesse projeto. Mesmo assim houve alunos que, mesmo com baixa participação em sala, tiveram um rendimento encorajador nesse projeto por causa de seu interesse pelo tema e desenvolvimento.

Em uma segunda edição do projeto, penso que o 9º ano pudesse ficar também com a responsabilidade de acompanhar as turmas em alguns momentos, como apresentações de dança e música indígena e para irem planejando desde o início do bimestre, como será organizado e ornamentado a sala da Mostra.